REFERENCIAL

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 47 / ABRIL A JUNHO 97 / ANO 11

EDITORIAL

Nem sempre os actos mais significativos são os mais espectaculares, os mais divulgados, que se rodeiam de maior encenação formal. Por vezes a mera escolha de um momento, a simples opção por um espaço, algumas presenças ou ausências, um acaso fortuito, contribuem para transformar num sucesso um acto que estava destinado à vulgaridade.

É neste pressuposto que, creio, se algo verdadeiramente relevante assinalou as comemorações do XXIII Aniversário do 25 de Abril, que as distingue das anteriores e deixou uma marca inovadora, tal se situa no jantar de confraternização promovido pela Associação não pelo acto em si, que esse já se vai tornando rotina, mas pelo local onde decorreu e pelo ambiente exterior que o envolveu.

Lembrou-se a Direcção da A25A de promover, neste ano, o tradicional jantar da noite de 24 de Abril, no Quartel do Regimento de Engenharia da Pontinha. O quartel da Pontinha tem uma ligação umbilical ao 25 de Abril de 1974 e é um marco no imaginário dos "capitães de Abril". Nele funcionou o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, o núcleo de comando operacional que accionou o levantamento e a conduta das unidades militares libertadoras, o centro de comunicações que assegurou a coordenação de todos os meios revoltosos, o grupo de decisão política que forçou a rendição do poder derrubado e o delegou na Junta de Salvação Nacional.

O papel do Regimento da Pontinha tinha já sido registado e perpetuado para o futuro, nas comemorações do XX Aniversário, quando na fachada do modesto edifício onde funcionou o Posto de Comando se colocou uma lápide que lembra o significado do acto que aquelas paredes acolhiam na madrugada de 25 de Abril de 1974.

Agora foi-se mais longe. As portas do Quartel abriram-se, para receberem centenas de convivas, militares e civis, mais ou menos jovens, que nos refeitórios da unidade confraternizaram, recordaram, comemoraram, a concretização da esperança por que tantos já se haviam batido e que mudou, não apenas o sentido das suas vidas, mas o próprio destino do seu povo. E que contribuiu também para acelerar as mudanças que outros povos tinham já encetado anos atrás.

Este facto, a disponibilidade dos responsáveis militares para abrirem as portas de um quartel às comemorações do 25 de Abril, merecia, por si só, o destaque que lhe dedicamos. O que pode parecer um tanto paradoxal até porque, o acto concreto do 25 de Abril, foi um acto de militares, dignificante dos militares, que reaproximou os militares do seu povo e contribuiu para o respeito que, por todo o mundo, mereceram então os militares portugueses. As comemorações do 25 de Abril dentro da instituição militar deveria ser, assim, uma festa banal, que não se resumisse à formalidade do desfile em que as Forças Armadas têm sido "obrigadas" a participar nas comemorações oficiais, sempre com as explícitas preocupações de uma clara demarcação a tudo quando se

(Continua na pág. 36)

SUMÁRIO

Editorial 1

25 de Abril, Ano XXIII ..... 3 - 13

Das Delegações e Núcleos ..... 14 e 15

Ler, Ver e Ouvir ..... 16 e 17

Testemunhos 18

Sementes de Abril 19

Opinião ..... 20 - 29

Da Direcção ..... 30 e 31

Vida Associativa ..... 32 - 34

Desporto e Recreio 35

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47
2795 Linda-a-Velha

DIRECÇÃO:
Pedro Pezarat Correia

IMPRESSÃO:
Tip. Escola ADFA
Rua Artilharia Um
Telef. 385 35 93
1000 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:
4500 exemplares

ENDEREÇOS:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47 • Tel. 4198105 • Fax 4198130
2795 Linda-a-Velha
DELEGAÇÃO DO NORTE
Apartado 4678
4012 PORTO
DELEGAÇÃO DO CENTRO
Apartado 3041
3000 COIMBRA
DELEGAÇÃO DO CANADÁ
153 Hamilton St
Toronto - Ontario – M4M 2C9
NÚCLEO DO ALENTEJO
Rua Bernardo Santareno, nº 2
Bairro das Nogueiras
7000 ÉVORA
NÚCLEO DO ALGARVE
Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º
8000 FARO
NÚCLEO DE CASTELO BRANCO
Bairro Buenos Aires, 47
6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89

MEDALHA COMEMORATIVA DO 25 DE ABRIL DE 1997

AUTOR: **Escultor José Rodrigues**

ANO: **1997**

MATERIAL: **Bronze**

EDIÇÃO
Execução de 800 medalhas em Bronze

FORMA E DIMENSÃO
Circular de 80 mm

VERSO:
Símbolo do 25 de Abril. O elemento aço que rasga e rompe e medalha simboliza a abertura ao país pelos capitães de Abril. No fundo revê-se o povo a aclamar o 25 de Abril.

REVERSO:
Louros ao 25 de Abril

JOSÉ RODRIGUES

- **Nasceu em Luanda em 1936.**
- **Formado em escultura pela E.S.B.A.P., onde foi professor. Fundador e presidente da Cooperativa Árvore, Porto.**
- **Condecorado, em 1994, com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.**
- **Já executou mais de 100 medalhas para diversas entidades. Participou na F.I.D.I.M., nos anos de 1993 a 1996.**
- **Colabora com poetas e escritores na ilustração de livros.**
- **Expôs individualmente na Cooperativa Árvore, Porto; Galeria Nazoni, Porto; Museu Amadeo de Sousa Cardoso, Amarante; Câmara Municipal de Alfândega da Fé; Tóquio, Japão; Megellan Galerie, Paris, França; Casa Museu Nogueira da Silva, Convento de Orada, Monsaraz; galeria dos TLP, Porto; Cordeiros Galeria, Porto.**
- **Expõe colectivamente em Portugal e no estrangeiro desde 1962.**
- **Autor de monumentos escultóricos do Porto, Viana do Castelo, Vila Nova da Cerveira, Lisboa, Vila do Conde, New Bedford (USA) e Recife (Brasil).**
- **Está representado em várias colecções particulares e museus, no país e no estrangeiro.**

Na capa: *Medalha Comemorativa do 25 de Abril de 1997 da Autoria do Escultor José Rodrigues, fotografia do Sócio Paixão Esteves*

COMEMORAÇÕES DO 23.° ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Mais um ano, mais uma jornada de comemorações, onde se vive um misto de satisfação pela acção desenvolvida, de algum desencanto por ilusões que ficaram pelo caminho e de reafirmação dos principais valores de Abril. Vejamos como a A25A comemorou Abril (para além da edição dos tradicionais cartaz/autocolante e medalha.

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO, E OUTRAS...

É já uma tradição. A A25A continua a ser solicitada por diversas entidades para se fazer representar por um militar de Abril em inúmeros actos comemorativos.

De realçar, no entanto, um facto: se as sessões solenes, os almoços ou jantares de convívio, as manifestações diversas continuam, uma situação se vem verificando, cada vez mais. Referimo-nos, especificamente, à cada vez maior solicitação de escolas, para falarmos aos jovens alunos sobre o 25 de Abril.

Como vem sendo hábito, não conseguimos responder afirmativamente a todas as solicitações...

JANTAR CONVÍVIO

A aposta do jantar na noite de 24/25 parece ter resultado e ser para continuar. Este ano, com a particularidade de ser numa unidade militar - precisamente o Regimento de Engenharia de Lisboa, na Pontinha, onde funcionou o Posto de Comando do MFA, em 25 de Abril de 74 (ver editorial) - continuou a verificar-se uma grande afluência. Foi pena que o S. Pedro não quisesse colaborar e nos tivesse brindado com uma grande carga de água..., porque no resto, talvez apenas com o senão da quantidade da comida servida, tudo correu pelo melhor.

Registemos a ***reconstituição do Posto de Comando do MFA***, que o REL organizou e nos garantiu ser para continuar.

Um agradecimento especial a todos os que nos ajudaram nesta organização, nomeadamente às entidades militares - EME, RML, REL, MM - e à Junta de Freguesia do Laranjeiro, que continua a presentear-nos com os cravos vermelhos usados no convívio.

COMEMORAÇÕES POPULARES

Novamente a A25A participou na Comissão Promotora das Comemorações Populares do 25 de Abril, que culminam na manifestação que desce a Avenida da Liberdade até aos Restauradores. Manifestação que, de há muito, se teme se transforme num ritual passadista, revivalista e ultrapassado. Acontece, no entanto, que ela se reafirma em cada ano, cada vez mais jovem, mais dinâmica, mais participada, mais de festa. São muitos as dezenas de milhares de portugueses que já não dispensam esta jornada de convívio e exaltação, continuando a teimar em, ali e daquela maneira, reviver Abril.

Mais uma vez, além de um jovem que falou em nome das organizações da juventude, o orador principal foi um militar de Abril. É a intervenção de Vitor Alves que transcrevemos de seguida.

Companheiros

Camaradas

Amigos

Em 25 de Abril de 1974 o Movimento das Forças Armadas, também conhecido por MFA, rompia com meio século de fascismo em Portugal e abria as portas à instauração de uma democracia política, económica e social cujas traves-mestras se encontravam contidas no programa do MFA, logo dado a conhecer ao povo português nas primeiras horas da revolução, por mim próprio.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

A liberdade... ...foi a bandeira à volta da qual se uniram os capitães de Abril na jornada que então se iniciou.

A liberdade, bem que os portugueses não conheciam há quase 50 anos, foi a bandeira à volta da qual se uniram os capitães de Abril na jornada que então se iniciou.

Seguiram-se anos difíceis e complexos, em que foram patentes as gritantes contradições em que a sociedade portuguesa se encontrava mergulhada, as profundas divisões entre portugueses, as feridas abertas no tecido social português pela prática continuada do autoritarismo político e pelo domínio de um reduzido número de grupos económicos monopolistas sobre a esmagadora maioria da população. Dificuldades dramaticamente acrescidas pelo facto de Portugal ser um país em guerra, enfrentando em África o choque violentíssimo de lutas armadas pela independência das colónias.

O MFA foi, desde a primeira hora, o garante das transformações democráticas e do restabelecimento da paz, o principal agente da instauração da liberdade política e o primeiro responsável pela dinamização de mudanças estruturais na sociedade.

Sem dúvida que no próprio seio do MFA cedo se manifestaram as contradições e as lutas que abalavam a sociedade civil. Mas a resultante final desse complexo processo de transformações políticas e sociais nos anos que se seguiram à revolução saldou-se, apesar de tudo, numa transição pacífica para a democracia política, com a realização de eleições livres e a elaboração da Constituição de 1976, ao mesmo tempo que profundas alterações de ordem económica e social encetavam um processo de reformas revolucionárias tendentes à efectiva e real democratização do país nos anos seguintes.

Uma especial saudação de solidariedade à população de Timor—Leste, que continua a lutar com coragem e determinação pelo direito à independência da sua terra natal.

Momentos houve em que parecia que a solução dos conflitos passaria inevitavelmente por uma confrontação violenta e generalizada entre os portugueses. Mas, apesar disso, evitou-se a guerra civil. Levou-se a cabo a descolonização, não sem traumas profundos. Inevitáveis uns, pois não se pode pretender desligar as violências da descolonização das violências da colonização, particularmente da sua última fase, resultantes outros das condições específicas em que se desenvolvia o movimento revolucionário em Portugal. Numa perspectiva histórica é já hoje, porém, iniludível que a independência das colónias é um dos actos que mais ilustra e honra a revolução do 25 de Abril. Vitória irreversível das forças democráticas e progressistas que, a par do nascimento de países de expressão oficial portuguesa, abriu condições excepcionais para a projecção de Portugal no Mundo e ainda hoje constitui um factor determinante da nossa política externa, como está bem patente na forma como os militares portugueses são recebidos nesses países, integrados nas missões das Nações Unidas de manutenção de paz.

Desse novo Portugal, membro de pleno direito da comunidade das Nações, livres e independentes, fica ainda a mágoa, mas ao mesmo tempo a esperança, pela existência de situações que nos são bem próximas, cujo bloqueamento tem lesado gravemente os interesses fundamentais dos seus povos.

Refiro-me a Angola e a Timor–Leste.

Cabe aqui dirigir uma palavra de apreço pela solução política encontrada para resolver o conflito armado angolano, que esperamos seja sinónimo de paz verdadeira e definitiva. Assim o exige o martirizado povo de Angola, e todos os homens e mulheres de boa vontade que à distância comungam dos mesmos anseios.

Não quero deixar passar esta oportunidade para enviar, também, uma especial saudação de solidariedade à população de Timor–Leste, que continua a lutar com coragem e determinação pelo direito à independência da sua terra natal.

Meus amigos,

Não se pretende que tenha sido o MFA o autor exclusivo de todas as mudanças positivas, como não terá sido o MFA o responsável único de todos os erros cometidos, que desvirtuaram ou impediram o pleno e justo desenvolvimento de todos os ideais revolucionários.

Este não é, aliás, o momento próprio de fazer história, nem pretendo fazer o que poderia ser chamado de interpretação autêntica da História.

Mas, se é certo que muitas forças e personalidades democráticas, patrióticas e progressistas contribuíram para o arranque da democracia em Portugal, alguns deles pagando com a própria vida a defesa dos seus ideais, talvez não seja inoportuno lembrar, aqui e agora que ao MFA se deve a iniciativa histórica que liquidou o sistema colonial-fascista e abriu o caminho e criou condições para a restauração da liberdade e a implantação da democracia no nosso País.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

Liberdade que constitui a razão de ser das comemorações que, ano após ano, continuamos a viver.

Não num espírito saudosista, mas sim com uma vontade enorme de continuar a viver essa liberdade, a amá-la e a senti-la, no dia a dia conscientes de que ao vivê-la não podemos descurar a sua defesa contra todos os que dela abusam, para exclusivo benefício próprio.

Certos de que, por muitas dificuldades que nos surjam, por muitos obstáculos que tenhamos que ultrapassar, a liberdade será a arma fundamental para lutar contra a injustiça social, contra os opressores, por mais sofisticados e camuflados que se apresentem.

Meus amigos

Somos um povo muito antigo que já viveu, ao longo dos séculos incontáveis momentos de grandeza e venceu não poucas crises, que atravessou muitos momentos de miséria e mergulhou em conflitos sem conta. Por isso, algumas perspectivas, ainda que sombrias, do presente, não podem impedir-nos de ter uma confiança serena no futuro.

Confiança que se robustece com a convicção de que o 25 de Abril, foi, historicamente, o momento de libertação de energias morais, materiais, políticas e humanas que estando longe de atingirem a sua maturação, se articulam lentamente num processo dinâmico, e por isso mesmo contraditório, que aponta irresistivelmente para a organização de uma sociedade livre, justa e fraterna, e para a construção de um País verdadeiramente independente.

O 25 de Abril tem de facto, este significado fundamental: É que ele não se esgota como símbolo de libertação, ele é o momento do arranque de uma dinâmica de transformação da sociedade.

Neste contexto, não resisto à tentação de referir um aspecto que é transversal a toda a sociedade portuguesa e decisivo para o nosso futuro colectivo. Uma verdadeira questão de Estado.

O 25 de Abril tem de facto, este significado fundamental: É que ele não se esgota como símbolo de libertação, ele é o momento do arranque de uma dinâmica de transformação da sociedade.

A Educação.

É na excelência do modelo organizativo de ensino e no diálogo construtivo com os seus agentes de base, que está a chave do êxito para a formação de gerações mais informadas e competitivas e melhor preparadas para o exercício de uma cidadania responsável.

Amigos,

A vida vai, pois, continuar. Os portugueses, confrontados com desafios novos e complexos, que porão rudemente à prova as suas capacidades, saberão ultrapassar, passo a passo, as crises e as dificuldades, saberão vencer os obstáculos que se levantam na sua caminhada para um mundo melhor.

Reconheça-se a juventude no espírito do 25 de Abril, que o povo português há-de saber defender a democracia e a liberdade, construir um País onde todos possam coexistir em segurança e no respeito pelo próximo e aceder a uma vida ditada por padrões de qualidade e dignidade humana.

Estes os meus votos.
Esta a minha esperança.
Viva o 25 de Abril
Viva Portugal

MONUMENTO AO 25 DE ABRIL

Finalmente, passados 23 anos, Lisboa inaugurou um monumento ao 25 de Abril. Da autoria de João Cutileiro, o monumento encontra-se no cimo do Parque Eduardo VII, local muito nobre e digno da cidade, e vem sendo fruto de grande polémica. Por nós, preferimos realçar a sua existência e o facto de conter um **cravo vermelho**, **permanentemente regado**...

A A25A foi convidada a estar presente e a usar da palavra, na inauguração. É a intervenção de **Vasco Lourenço** que aqui transcrevemos.

Discurso de Vasco Lourenço

25 DE ABRIL DE 1974. Foi precisamente há 23 anos que os capitães de Abril, tomando consciência da natureza do regime que oprimia os portugueses e da injustiça e inutilidade em prolongar uma guerra sem sentido, decidiram abrir-lhes as portas à liberdade e à democracia.

Para trás ficava um velho regime de ditadura fascista-colonialista e abriam-se perspectivas de uma vida melhor. Para trás ficavam, espera-se que para sempre, um regime autoritário, de verdade única, de um só partido, de absoluto controlo da pessoa humana; um sistema liberticida, onde os direitos e as garantias dos cidadãos se concebiam em função do próprio sistema e dos seus próceres; a polícia política, a ameaça permanente, as perseguições, a repressão estudantil e sindical, o esmagamento das oposições, as prisões políticas, os tribunais plenários, as medidas de segurança, a militarização da juventude e do cidadão, a censura, a

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

propaganda, a polícia do espírito; o regime da emigração massiva, da ignorância, do medo, da doença, do analfabetismo e da pobreza; o isolamento internacional, com uma violenta crítica e condenação nas mais diversas instâncias internacionais, o colonialismo e a guerra.

Era o tempo de esconjurar 48 anos de fascismo, de opressão, autoritarismo e indignidades e de acreditar num futuro mais risonho, mais justo e mais solidário. Foi o tempo de sonhar acordado e tentar construir o futuro. Futuro que nos viria a trazer o cumprimento dos compromissos assumidos pelo MFA: eleições após eleições, o povo foi usando a sua liberdade, a democracia foi-se consolidando.

Não irei analisar, aqui, o que se conseguiu fazer nestes 23 anos. O que, em conjunto, conseguimos fazer. O que interessa ter presente é que, desde essa data gloriosa, os portugueses recuperaram a liberdade e podem usá-la para lutar pelos seus ideais, pelos seus direitos!.....

23 anos depois, a Câmara Municipal de Lisboa, símbolo de uma das maiores conquistas de Abril – o poder autárquico democrático – quis implantar na capital do país um monumento à LIBERDADE e aos que então arrancaram sem olhar para trás.

Muitos dizem que demorou muito tempo para que isso fosse possível. Quer porque em relação a outros acontecimentos, certamente menos importantes que o ***25 de Abril***, houve mais celeridade em construir monumentos, quer porque muitas outras autarquias tiveram já essa iniciativa, muito antes.

Como diz o povo português **"vale mais tarde que nunca"**, por isso, **honra à actual vereação da CML, nomeadamente ao seu presidente, Dr. João Soares**, que levaram à prática esta iniciativa.

Como militares de Abril, protagonistas maiores da maravilhosa jornada de há 23 anos, reafirmamos o nosso orgulho, a nossa honra em termos tido esse protagonismo na libertação de Portugal e dos portugueses.

Mas, como nos consideramos com o direito e o dever de não deixar esquecer Abril, de querer manter permanentemente regado o cravo da liberdade – tal como este monumento, da autoria de João Cutileiro, no-lo faz sentir – esperamos que os que exercem o poder, nomeadamente a CML, apoiem a A25A. Durante todo o ano e não apenas nas comemorações do 25 de Abril. Só assim continuaremos a nossa acção cívica, em defesa dos ideais, dos valores, que há 23 anos nos levaram a arrancar para a ***vitória***.

PROVAS DESPORTIVAS

O seu espaço está ocupado e os responsáveis da A25A pelo pelouro (Manuel Rodrigues e Jorge Ribeiro) não descansam.

CORRIDA DA LIBERDADE

Organizada em colaboração com a CMLisboa, a CMLoures, a FPCCR e a JFPontinha, nova jornada se viveu, muito participada e alegre.

Recorde-se que, nesta prova se procuram ligar locais históricos da acção militar do 25 de Abril – **Pontinha, Carmo, Rádio Clube Português, Terreiro do Paço** – ao **Rossio / Restauradores**, com passagem pela **Avenida da Liberdade**.

FESTA JOVEM

Também esta prova veio para ficar. Nesse sentido, as entidades que este ano constituiram a Comissão Organizadora – **Associação 25 de Abril, Câmara Municipal de Almada, Federação Portuguesa de Trampolins e Desportos Acrobáticos, Federação Portuguesa de Ginástica, Associação de Ginástica de Lisboa, Associação de Ginástica de Setúbal** – aprovaram e assinaram um protocolo, onde se comprometem a organizar esta prova e a incluí-la nos programas de actividades das referidas entidades gímnicas. Decisão que, confiamos, significa uma enorme garantia de continuidade.

Este ano a Festa Jovem, com cerca de 1500 participantes, dos 6 aos 12 anos de idade, teve a presença do Senhor Presidente da República, que assim colaborou com a A25A nas comemorações do 25 de Abril e deu um enorme estímulo aos muitos e muitos participantes – atletas, técnicos, organizadores – a quem se deve esta magnífica jornada de convívio, em nome de Abril.

MENSAGEM DA A25A

Há 23 anos, o Movimento das Forças Armadas, consciente de que interpretava o sentir dos portugueses, derrubou o regime fascista e colonialista que oprimia o nosso povo e abriu as portas à liberdade e à democracia. A liberdade, bem que os portugueses não conheciam há quase 50 anos, foi a bandeira à volta da qual se uniram os capitães de Abril na jornada que então se iniciou. Liberdade que constitui a razão de ser das comemorações que, ano após ano, continuamos a viver. Não num espírito saudosista, passadista, mas sim com uma vontade enorme de continuar a viver essa liberdade, a amá-la e a senti-la, no dia a dia. Conscientes de que ao vivê-la não podemos descurar a sua defesa contra todos os que dela abusam, para exclusivo benefício próprio. Conscientes de que só com ela poderemos continuar a lutar pelos nossos ideais e pela construção de um futuro melhor. Certos de que, por muitas dificuldades que nos surjam, por muitos obstáculos que tenhamos que ultrapassar, a liberdade será a arma fundamental para lutar contra a injustiça social, contra os opressores, por mais sofisticados e camuflados que se apresentem.

23 anos depois de Abril, no Ano Europeu Contra a Xenofobia e o Racismo, continuam a verificar-se ódios contra os estrangeiros, como se deles partissem as dificuldades que assolam este velho continente. É talvez a repetição do que se passou nos anos 30 e que viria a desembocar em guerras sangrentas. Mais uma vez se procura encontrar inimigos externos, tentando esconder que a origem dos principais males das sociedades ditas mais desenvolvidas, mais do que na presença competitiva de trabalhadores estrangeiros, está no sistema neo-liberal de capitalismo selvagem que, ao fazer do lucro o seu deus principal, faz desses trabalhadores estrangeiros os primeiros explorados e provoca cada vez mais desigualdades sociais. Nós, portugueses, povo de emigrantes, que muitas dificuldades tem sentido por esse mundo fora, não podemos deixar-nos levar pela onda. Temos que lhe fazer frente e praticar a nossa ancestral solidariedade para com todos os povos e raças do universo.

23 anos depois de libertados os sonhos, iniciada a construção de um novo futuro, muitas conquistas se alcançaram, muitos sonhos se concretizaram e consolidaram, mas também muitas desilusões se viveram, muitos recuos se deram, novas injustiças se criaram, muito do almejado está ainda por realizar.

A sociedade ambicionada só será um facto se, em conjunto, conseguirmos lutar pelos nossos interesses. Temos liberdade, mas ela, só por si, não é suficiente. Não podemos acomodar-nos, convencendo-nos de que é aos outros que cabe lutar pelos nossos valores, pelo nosso futuro. A democracia tem defeitos, mas só eom ela poderemos lutar por um futuro mais feliz, só com ela poderemos ter uma palavra a dizer na definição desse nosso futuro. Por isso, a devemos defender, não permitindo que, em nome de falsas questões, no-la roubem ou no-la limitem. Praticando-a, aprofundando-a, não nos demitindo da nossa responsabilidade cívica. Ambicionando,cada vez mais, uma vida com mais qualidade, com saúde, com emprego, com habitação, com bom ambiente, com harmonia e paz, com solidariedade e justiça.

No ano em que a paz parece querer regressar a Angola, daqui fazemos votos pela paz e felicidade do martirizado povo angolano, extensivos a todos os povos da comunidade de língua portuguesa, Daqui enviamos também uma especial saudação de solidariedade ao mais que martirizado povo maubere, que em Timor continua a lutar pela sua dignidade, pela sua liberdade, pela sua independência, contra os fascistas da Indonésia que o continuam a oprimir, a reprimir e a dizimar.

Neste cantinho da Europa, uma Europa que volta a conhecer a guerra, fazemos votos para que a paz regresse depressa e dê origem a novas sociedades onde os valores da liberdade, da democracia, da solidariedade e da justiça sejam um facto.

Por nós, portugueses, continuemos a usufruir da liberdade e a aproveitá-la para dizer não aos que procuram intensificar a exploração, dando origem ao alargamento do fosso entre os mais ricos e os mais pobres. Desenvolvendo as potencialidades da juventude, facultando a todos o direito de estudar, continuaremos a construir Abril.

Numa altura em que está na moda bater nos militares e nas Forças Armadas, nós, Associação 25 de Abril, que engloba a generalidade dos militares de Abril, reafirmamos o orgulbo e a honra que os mesmos continuam a sentir pela madrugada libertadora de há 23 anos.

Abril, 1997

Associação 25 de Abril

MAPUTO

A militância do Luis Macedo à frente da representação da A25A no Maputo, e a fidelidade dele e dos seus companheiros aos ideais de Abril não esmorecem, nem com o tempo, nem com a distância.

Do programa das comemorações do XXIII Aniversário, que nos foi enviado por Fax com simpáticos desenhos e com pemas de Manuel Alegre (Meada do Amor Militante) e de José Afonso (o clássico Grândola Vila Morena), constava uma exposição de pintura e desenho na Associação Portuguesa, a deposição de uma coroa de flores no túmulo do Soldado Desconhecido e o Jantar Convívio, seguido de um Serão Cultural, com uma parte musical e outra teatral infantil.

Transcrevemos o discurso de fundo, proferido no jantar, por Bruno Soares e o comentário que as comemorações mereceram a Óscar Monteiro.

1974 25 DE ABRIL EM MOÇAMBIQUE 1997

À semelhança do que vem acontecendo desde os anos já distantes de setenta, mais uma vez a Associação 25 de Abril de Moçambique comemorou, com dignidade e fervor patriótico, a Revolução dos Cravos.

Fê-lo com o mesmo entusiasmo que sempre tem caracterizado essa manifestação ao longo dos anos, numa comprovação de fidelidade aos princípios que orientaram o movimento militar de Abril e de confiança na consecução plena dos seus objectivos no futuro.

A presença de vários oficiais militares participantes no movimento libertador foi para todos nós, portugueses residentes em Moçambique, motivo de grande satisfação e prova real de que continuamos juntos, unidos por laços de compreensão e estima, numa luta permanente por um Portugal maior e cada dia mais justo para todos os cidadãos.

Estas comemorações não foram apenas o recordar de um facto histórico passado; foram mais ainda, o celebrar duma certeza em que todos confiamos; a confiança de que à madrugada que acabamos de celebrar se seguirá, tempos fora, a concretização de uma vida melhor para todos os portugueses.

E são estas e continuarão a ser, as razões principais do nosso entusiasmo, ao celebrarmos o passado revolucionário numa visão confiante de futuro. Tão confiante que fomos às escolas, às três escolas onde se lecciona o português, conversámos com as crianças, ouvimos as suas opiniões, esclarecemos pontos em dúvida e retirámos na certeza de as termos deixado mais esclarecidas nas razões da Revolução de Abril e mais amigas e orgulhosas da sua Pátria. Um orgulho que não oferece dúvidas; mas se algumas houvesse bastaria, para as eliminar, a análise da exposição de pintura e desenho dessas crianças sobre o **25 de Abril**, patente no salão principal da Associação Portuguesa. Foi uma exposição oportuna, bela e criativa onde a revolução de Abril era tratada com o maior carinho e beleza.

Fomos às escolas, às três escolas onde se lecciona o português, conversámos com as crianças, ouvimos as suas opiniões, esclarecemos pontos em dúvida e retirámos na certeza de as termos deixado mais esclarecidas nas razões da Revolução de Abril e mais amigas e orgulhosas da sua Pátria.

Uma iniciativa feliz a continuar no futuro.

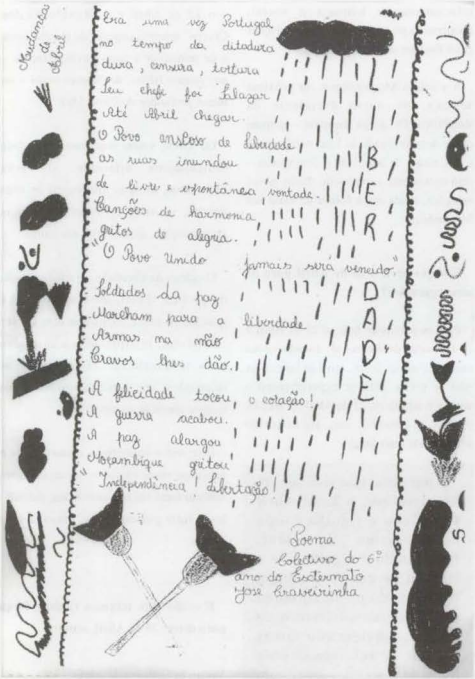
À noite, num restaurante da cidade, realizou-se o habitual convívio num jantar que se prolongou por várias horas e decorreu no maior entusiasmo de mais de duas centenas de participantes.

Após o discurso político, claro, profundo e objectivo, desenvolvido pelo Senhor **Dr. Bruno Soares** e o Hino nacional entoado com o maior respeito e fervor por todos os presentes, mais uma vez o agrupamento musical "**Milho-Rei**" deliciou a assistência com a apresentação de várias peças musicais do cancioneiro português e moçambicano, arrancando dos presentes os maiores aplausos. Foi então que, num final feliz, crianças das três escolas atrás referidas se apresentaram em pequenas peças de teatro e poesia, todas elas ressaltando a data que se celebrava em festa na certeza dum futuro melhor.

E como tudo tem um fim, esse fim foi pertença de todos os presentes. Com o maior entusiasmo, militares de Abril, organizadores e assistentes, todos unidos num só abraço, entoaram "Grândola Vila Morena" com a emoção que essa canção provoca a quem nela vê um símbolo de liberdade e confiança no futuro. É que "Grândola Vila Morena" é já uma canção que não morre, vive em todos nós. Não tem fim.

Entrou na história.

Óscar Monteiro



Do Externato José Craveirinha da cidade do Maputo, Moçambique, recebemos, por Fax, o poema-desenho, da autoria dos alunos do 6.° ano intitulado "Mudanças de Abril".

Discurso de Bruno Soares

Caros Amigos:

Comemoramos hoje os 23 anos da madrugada libertadora do 25 de Abril. E eu pergunto-me: o que é que nos une, a nós nesta sala e a tantos e tantos portugueses em Portugal e espalhados um pouco por todo o Mundo? O que é que nos une neste dia de festa e de alegria?

Será apenas a comemoração de um acontecimento, de uma data que – como outros – mudou o curso da História do nosso Povo e do nosso país? Julgo que não, que não é apenas isso.

Julgo que estamos aqui também – e sobretudo – como apoiantes e defensores de uma causa que se funda nos ideais de Abril e que persiste e resiste ao longo dos tempos, de uma causa que não tem data marcada, que não se esgota hoje ou amanhã, que evolui, progride e se desenvolve no percurso da História.

E essa é a causa da liberdade, da solidariedade, da justiça social, e também da causa da igualdade e da fraternidade entre os povos.

A revolta dos militares de Abril derrubou o regime fascista e devolveu a liberdade ao Povo Português. Mas não se ficou por aí. O Programa do MFA, os 3 Ds – Democratizar, Descolonizar, Desenvolver – abriu as portas que conduziram a uma profunda transformação das estruturas políticas, económicas e sociais do nosso país, ao fim da guerra colonial e à independência total das ex-colónias.

A "Revolução dos Cravos" recolocou Portugal no Mundo e devolveu a dignidade aos portugueses, enquanto cidadãos e enquanto Povo.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

A "Revolução dos Cravos" recolocou Portugal no Mundo e devolveu a dignidade aos portugueses, enquanto cidadãos e enquanto Povo.

Foram estas "as portas que Abril abriu", como disse o poeta.

Aos militares de Abril (alguns dos quais estão aqui entre nós) continuamos hoje – e continuaremos ao longo da nossa História – a prestar a nossa homenagem de gratidão.

E, hoje, o que significa o 25 de Abril, para todos e cada um de nós?

O Mundo de hoje não é o Mundo dos anos 70. O contexto nacional e internacional em que se deu o 25 de Abril e o processo de transformações que se lhe seguiu era profundamente diferente do dos nossos dias. Mas o 25 de Abril existe, está vivo, porque os seus ideais mais profundos persistem e perduram na vida individual e colectiva de muitos de nós.

É por isso que hoje saímos em defesa dos ideais de liberdade e democracia, contra as tendências autoritárias e as tentativas de limitação das liberdades e de amordaçamento do Povo Português; saímos em defesa dos ideais de solidariedade e de justiça contra as políticas que conduzem ao desemprego, à segregação e à marginalização social; e saímos em defesa dos ideais de libertação, de independência, de igualdade e amizade entre os povos, contra as tendências neo-colonizadoras, racistas e xenófobas.

E para nós, que vivemos em Moçambique, o 25 de Abril significou e significa uma nova forma de estar, respeitando a dignidade e a cultura de um Povo amigo, trabalhando e contribuindo para o desenvolvimento do País, estabelecendo novas formas de relacionamento humano e social, cooperando no quadro das novas relações entre Estados soberanos.

A visita a Moçambique, na próxima semana, do nosso Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio – homem desde sempre ligado às lutas antifascistas e aos ideais de liberdade e democracia – será certamente a expressão destas novas relações, desta nova forma de estar em Moçambique.

E o que será o 25 de Abril para as novas gerações?

Para os jovens de hoje, o 25 de Abril é já História de Portugal: estuda-se na escola, lê-se nos livros, ouve-se falar. Mas não se viveu. Não se experimentou o antes e o depois do 25 de Abril. E, para os jovens de amanhã, esse dia histórico estará ainda mais longe.

E para nós, que vivemos em Moçambique, o 25 de Abril significou e significa uma nova forma de estar, respeitando a dignidade e a cultura de um Povo amigo, trabalhando e contribuindo para o desenvolvimento do País, estabelecendo novas formas de relacionamento humano e social, cooperando no quadro das novas relações entre Estados soberanos.

Será que nós, que vivemos – e fizemos – o 25 de Abril e a "Revolução dos Cravos" seremos capazes de manter vivos e de transmitir a essas novas gerações – aos nossos filhos, aos nossos netos – os ideais profundos do 25 de Abril?

Os jovens vivem hoje numa sociedade radicalmente diferente. Os seus objectivos, os seus interesses, os seus gostos, os seus problemas, as suas preocupações, as suas lutas são outros.

Os ideais de liberdade, de solidariedade, de justiça social, de fraternidade e igualdade entre os povos têm de ser entendidos, interpretados e aplicados nesta nova realidade. São ideais que se reaprendem, que se reassumem nos novos tempos que hoje vivemos.

E se todos soubermos manter vivos e actuantes esses ideais, as novas gerações saberão tomá-los nas suas mãos, defendê-los e lutar por eles hoje, amanhã e no futuro.

E então sim, teremos razão e força para dizer: 25 de Abril, sempre!

Vivam os militares de Abril!

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal democrático!

ÍLHAVO

Como vem sendo habitual, um grupo de Sócios e amigos da A25A de Ílhavo, juntou-se num almoço comemorativo, seguido de actividades recreativas, nas instalações do Centro de Apoio Social do Concelho de Ílhavo.

Colóquios sobre o 25 de Abril nas Escolas

Benavente, um exemplo a registar

Na magnífica intervenção que encerrou as comemorações do 23.º aniversário do 25 de Abril, na Av. da Liberdade, em Lisboa, o tenente-coronel Victor Alves proferiu uma frase lapidar: "o problema do ensino em Portugal é uma questão de Estado".

Com a devida vénia, acrescentarei que é uma das principais questões de Estado, e mais: arrasta-se há tanto tempo que parece condenada a eternizar-se nesse limbo da nossa idiossincrasia onde coexistem as meias-tintas com as frustrações, a incompetência com o experimentalismo, o remendo com a manta curta, a irresponsabilidade com a demagogia. E, finalmente, o desinteresse e a lassidão do "deixa-andar-que-o-tempo-resolve-tudo-e-quem-vier-atrás-que-feche-a-porta".

Perdi a conta às reformas do ensino desde que "estive implicado", como diria o Salgueiro Maia, na chamada crise académica de 1962. Já então se reivindicava melhoria na qualidade do ensino e liberdade associativa. Veio a reforma Veiga Simão e, com ela, nova crise académica, brutalmente reprimida em 1969. No tempo da outra senhora, é claro!

Confrangedor é o desconhecimento da história de Portugal, em particular a história contemporânea – designadamente no que concerne ao 25 de Abril.

Mas, passados 35 anos, a que ponto se chegou? A frequência frenética das reformas inacabadas e inconsequentes, fazem-me lembrar o estribilho usado na guerra colonial: "p'ra melhor, está bem, está bem; p'ra pior, já basta assim.". A última tentativa coube a Roberto Carneiro, mas ainda não foi dessa. Isto para não referir o episódio grotesco da passagem do sr. Couto dos Santos pelo ministério da (des)educação, ou o consulado (a)cultural do dr. Santana Lopes. Receei que estivessemos de novo às portas da "apagada e vil tristeza" , já antes chorada pela poeta

E quando os estudantes protestaram com irreverência – como é seu apanágio – logo bonzos fundamentalistas e tiranetes cinzentões os apelidaram de "geração rasca". Rasca? Rascas são os responsáveis pela constante degradação do ensino! A nossa juventude é, isso sim, uma geração à rasca! Vê-se à rasca com programas inadequados, professores desmotivados, pais alheados, escolas degradadas – e, depois de terminar os estudos – desemprego e salários de fome, como é consabido.

Assim, não admira que muitos jovens informáticos desconheçam a tabuada e sejam incapazes de efectuar as quatro operações elementares sem recurso à calculadora electrónica; universitários tenham conflitos profundos com a gramática; licenciados em comunicação social nos agridam com um idioma que resvala do "brasileirês" para a calinada pura e simples.

Igualmente confrangedor é o desconhecimento da história de Portugal, em particular a história contemporânea – designadamente no que concerne ao 25 de Abril.

É chocante a ignorância sobre as suas causas, objectivos, esperanças, ensinamentos e, ainda e sempre, a actualidade dos seus ideais.

Actualidade, pois claro, ou será que Abril já foi cumprido? Todos sabemos que não. E mais: também conhecemos quem, de forma explícita ou encapotada, com mais ou menos desfaçatez, use a liberdade de Abril para tentar destruí-la.

Por isso desconfio da explicação usual: "não se fala do 25 de Abril nas escolas, porque essa matéria vem no fim do programa e não há tempo para dá-la".

A meu ver, a responsabilidade principal recai em alguns professores que, por omissão voluntária ou negligência, entendem não ser prioritário abordar o tema nas aulas. E esses, passe a negra ironia, fazem-me lembrar viúvas carpideiras do 24 de Abril...

A explicação para a vaia que um camarada nosso sofreu, o ano passado, na escola secundária do meu bairro, pode residir nisso. Quando, este ano, fui convidado para colóquios em escolas do Concelho de Benavente, pus as barbas de molho e preparei-me para levar a carta a Garcia... Preveniram-me que iria ouvir perguntas infantis e idiotas, que nada tinham a ver com o assunto. Mas, afinal, deparei com outra realidade.

Da bela e bem recheada moldura humana à atenção prestada, passando pela pertinência das questões suscitadas pelos jovens, tudo revela conhecimento e interesse pelo que foi e representa a revolução dos cravos.

Da bela e bem recheada moldura humana à atenção prestada, passando pela pertinência das questões suscitadas pelos jovens, tudo revela conhecimento e interesse pelo que foi e representa a revolução dos cravos. É comovente um de nós ouvir um petiz de 10 anos perguntar se matei, ou vi matar alguém, em nome da liberdade, uma jovem de 14 anos querer saber se participaram mulheres no 25 de Abril e, por que razão não havia militares do sexo feminino; outra perguntar que torturas infligia a PIDE; que sentíamos durante a guerra; qual o ambiente quando conspiramos para derrubar a ditadura; se estava à espera de resistência forte; como é que os militares, sendo poder, se viraram contra o governo; que penso da descolonização e mais, muitas mais perguntas. Tantas, que o tempo foi curto para responder, e o espaço não me permite reproduzí-las todas.

Apraz-me aqui deixar o meu público e sincero agradecimento aos professores da Secundária de Benavente e da C+S de Samora Correia; aos respectivos autarcas da Câmara e da Junta de Freguesia, ao dinamizador cultural e demais trabalhadores camarários que, em conjunto, tão bem souberam organizar estes dois colóquios.

Por fim, mas antes e acima de tudo, meus caros jovens ribatejanos, quero dizer-vos o seguinte: obrigado por me terem ensinado que posso continuar a confiar no futuro dos portugueses; prossigam os estudos da forma interessada e empenhada que revelaram, tornando-se cidadãos esclarecidos, civicamente responsáveis e actuantes. Convosco e o vosso entusiasmo solidário, as portas que Abril abriu, jamais voltarão a fechar-se.

Lembrem-se sempre do Zeca Afonso: "*o que é preciso é avisar a malta... e tragam um amigo também... que o povo é quem mais ordena*".

Álvaro Fernandes - Sócio fundador n.º 948

PEDIDOS DE REPRESENTAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO XXIII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

- ACADEMIA RECREATIVA DE LINDA-A-VELHA - (Convívio)
- ASOCIACION DE AMIZADE GALEGO-CUBANA - GALIZA - (Debate)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA AMADORA - (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALCOCHETE - (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE BAIÃO - (Sessão solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PENICHE -(Sessão solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE F AMALICÃO - (Sessão solene)
- ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA - (Debate)
- ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO 25 DE ABRIL - LUXEMBURGO - (Convívio)
- ASSOCIAÇÃO APRIL - (Debate)
- ASSOCIAÇÃO ESTUDANTES DA ESCOLA SECUNDÁRIA PATRÍCIO PRAZERES - (Debate)
- ASSOCIAÇÃO PENSIONISTAS REFORMADOS E IDOSOS DA FREGUESIA DAS MERCÊS - (Debate)
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AMESTERDÃO - (Convívio)
- CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS - (Jantar comemorativo)
- CÂMARA MUNICIPAL DA COVILHÃ - (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ - (Sessão solene)
- CÂMARA MUNICIP AL DE ALMADA - (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE - (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE - (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA - (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE FARO - (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE GÓIS - (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES - (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA - (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE MORA - (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO - (Sessão solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA - (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA - (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DO ALVITO - (Debate)
- CÂMARA MUNICIP AL DO MONTIJO - (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL STA. MARIA DA FEIRA - (Convívio)
- CENTRO DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL - (Lançamento de livro)
- CLUBE DE PRAÇAS DA ARMADA - (Convívio)
- CLUBE DESPORTIVO DE CASAL GALEGO - (Debate)
- CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA - (Convívio)
- CLUBE MILITAR NAVAL - (Sessão Solene) - (Convívio)
- COMISSÃO DAS COMEMORAÇÕES POPULARES 25 DE ABRIL - SANTARÉM - (Convívio)
- COMISSÃO ORGANIZ. DAS COM. 25 DE ABRIL DO CONCELHO DE ALMEIDA - (Convívio)
- COMISSÃO ORGANIZ. DAS COM. 25 DE ABRIL - VALENÇA - (Convívio)
- COMISSÃO PROMOTORA 25 DE ABRIL ZONA ORIENTAL DE LISBOA - (Sessão de homenagem a Adriano Correia de Oliveira)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL -TROFA - (Convívio)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES DO XXIII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL NA CURIA - (Convívio)
- COMISSÃO PROMOTORA DO ALMOÇO COMEMORATIVO DO 25 DE ABRIL - GUARDA - (C onvívio)
- COMISSÃO PROMOTORA DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA - (Convívio)
- COMISSÃO REGIONAL DO PORTO DA U D.P - (Debate)
- COMISSÃO TRABALHADORES DA COMPANHIA DE SEGUROS BONANÇA- (C onvívio)
- COMISSÃO TRABALHADORES DOS ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO - (Convívio)
- DELEGAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL DE TORONTO - (Convívio)
- EDITORA CAMPO DAS LETRAS E COOP. ÁRVORE - (Lançamento de livro)
- ESCOLA A.B.2,3 DR. JOSÉ DOS SANTOS BESSA- CARAPINHEIRA - (Debate)
- ESCOLA BÁSICA 2, 3 DE S. PEDRO DE ALVA - (Debate)
- ESCOLA BÁSICA 2,3 DE SESIMBRA - (Debate)
- ESCOLA BÁSICA INTEGRADA DO CARREGADO - (Debate)
- ESCOLA BÁSICA INTEGRADA FIALHO DE ALMEIDA - CUBA - (Debate)
- ESCOLA BENTO JESUS CARAÇA - PORTO - (Debate)
- ESCOLA C+S DE MIRA SINTRA - (Debate)
- ESCOLA C+S DE S. MAMEDE DE INFESTA - (Debate)
- ESCOLA C+S FERREIRA DE CASTRO - OURELA-MEM MARTINS - (Debate)
- ESCOLA C+S S. MAMEDE DE INFESTA - (Debate)
- ESCOLA DE AMADEU GAUDÊNCIO - NAZARÉ - (Debate)
- ESCOLA DE FORMAÇÃO PROF. DA USP - (Debate)
- ESCOLA E.B 2 E 3 DE TANDIM - (Debate)
- ESCOLA E.B 2 E 3 LEÇA DO BAILIO - (Debate)
- ESCOLA E.B.2, 3 DE ATOUGUIA DA BALEIA - PENICHE - (Debate
- ESCOLA E.B.2,3 DA ARROJA - (Debate)
- ESCOLA E.B.2.3. VIEIRA DA SILVA - CARNAXIDE - (Debate)
- ESCOLA EB 2 E 3 CELORICO DE BASTO - (Debate)
- ESCOLA PREPARATÓRIA DE CINFÃES - (Debate)
- ESCOLA PROFESSOR NORONHA FEIO - QUEIJAS - (Debate)
- ESCOLA RAUL DORIA - PORTO - (Debate)

CEDÊNCIA DE MATERIAL PARA EXPOSIÇÕES NAS COMEMORAÇÕES DO XXIII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

- A ARTIDEIA - LUDOTECA MUNICIPAL DE SEIA
- ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
- ASSOCIAÇÃO DE PENSIONISTAS REFORMADOS E IDOSOS DA FREG. DAS MERCÊS
- CÂMARA MUNICIPAL DE CABECEIRAS DE BASTO
- CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO
- COMISSÃO ORGANIZADORA EM MAPUTO
- COMISSÃO PROMOTORA DO ALMOÇO COMEMORATIVO DO 25 DE ABRIL DA GUARDA
- ESCOLA 2 E 3 DA GAFANHA DA ENCARNAÇÃO
- ESCOLA 2 E 3 DE CACIA
- ESCOLA BÁSICA 2 E 3 DE ARANGUEZ - Setúbal
- ESCOLA BÁSICA INTEGRADA FIALHO DE ALMEIDA - CUBA
- ESCOLA BÁSICA N.º 2 DE SESIMBRA
- ESCOLA C+S LUÍS DE CAMÕES - CONSTÂNCIA
- ESCOLA C+S S. BARTOLOMEU DE MESSINES
- ESCOLA DE CANELAS
- ESCOLA E B 2 E 3 DA LOUSADA
- ESCOLA E B 2 E 3 DA QUINTA DE MARROCOS
- ESCOLA E B 2 E 3 DE ARROJA
- ESCOLA E B 2 E 3 DE PEDROUÇOS
- ESCOLA E B 2 E 3 DO PRADO
- ESCOLA FRANCISCO ORNELAS DA CÂMARA - PRAIA DA VITÓRIA - AÇORES
- ESCOLA N.º 12 10 CICLO DE LISBOA
- ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMORA
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE NUNO ÁLVARES - CASTELO BRANCO
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE SOURE
- ESCOLA SECUNDÁRIA REGUENGOS DE MONSARAZ
- JOSÉ DA SILVA RIBEIRO - ODEMIRA
- JUNTA DE FREGUESIA DE PROENÇA-A-NOVA
- JUNTA DE FREGUESIA DE STO. ANDRÉ - SANTIAGO DE CACÉM
- SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL UNIÃO ALENTEJANA - BAIXA DA BANHEIRA

PEDIDOS DE REPRESENTAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO XXIII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL *(Continuação)*

- ESCOLA SECUNDÁRIA DE CORUCHE - (Debate)
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOURES - (Sessão solene)
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE ODEMIRA - (Debate)
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE REGUENGOS DE MONSARAZ - (Debate)
- ESCOLA SECUNDÁRIA DE SOURE - (Sessão solene)
- ESCOLA SECUNDARIA DE VALE DE CAMBRA - (Debate)
- ESCOLA SECUNDÁRIA M. LAMAS - (Sessão solene)
- ESCOLA SECUNDARIA MATIAS AIRES - CACEM - (Debate)
- ESCOLA SECUNDÁRIA MIGUEL TORGA - MASSAMÁ - (Debate)
- ESCOLA SECUNDÁRIA N.º 2 DE LOURES - (Debate)
- ESCOLA SECUNDARIA PROF . HERCULANO DE CARVALHO - LISBOA - (Debate)
- ESCOLA SECUNDÁRIA VALE DE CAMBRA - (Debate)
- GRUPO SPORTIVO ADICENSE - (Convívio)
- I.N.A.T .E.L. - DELEGAÇÃO DO PORTO - (Convívio)
- INTER-REFORMADOS/LISBOA - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DA AMEIXOEIRA - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DA BAIXA DA BANHEIRA - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DA PAREDE - (Sessão solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DA RAMADA - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DA VENTEIRA - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DE ALHANDRA - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DE LINDA-A-VELHA - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DE MONTARGIL - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DE PAÇO D'ARCOS - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DE S. CRISTÓVÃO - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DE S. LOURENÇO-AZEITÃO - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DE S. ANTÓNIO DA CHARNECA - (Debate)
- JUNTA DE FREGUESIA DE S. ÍRIA DA AZÓIA - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DO CAMPO GRANDE - (Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA DO FORTE DA CASA - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA DO LAVRADIO - (Sessão Solene)
- JUNTA DE FREGUESIA S. DOMINGOS -(Convívio)
- JUNTA DE FREGUESIA S. DOM. DE BENFICA - (Sessão solene)
- JUNTA DE FREGUESIA STA CATARINA - (Convívio)
- PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS -SEIA - (Jantar comemorativo)
- PARTIDO SOCIALISTA (SECÇÃO DA AJUDA) - (Debate)
- PARTIDO SOCIALISTA (SECÇÃO DE QUELUZ) - (Convívio)
- PARTIDO SOCIALISTA - (SECÇÃO DOS OLIVAIS) - (Debate)
- POLÍTICA XXI/PSR - (Debate)
- SINDICATO DOS PROFESSORES DO NORTE - BRAGA - (Debate)
- SINDICATO DOS PROFESSORES DO NORTE -BRAGA - (Debate)
- SINDICATO TRABALHADORES DA C. M . LISBOA - (Convívio)
- SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL UNIÃO ALENTEJANA -BAIXA DA BANHEIRA- (Convívio)
- VOZ DO OPERÁRIO - (Convívio)

NORTE

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL NO NORTE

Tal como já acontecera em 1996, também no corrente ano a Delegação do Norte da Associação 25 de Abril integrou, juntamente com diversas organizações culturais e sindicais, a Comissão Promotora das Comemorações do 23.° aniversário da Revolução dos Cravos, na cidade do Porto. Para 1997 o lema escolhido foi "OLHAR O FUTURO NO RUMO DE ABRIL", lema esse que seria escolhido pela Comissão Promotora no seguimento de uma sugestão da Delegação do Norte da nossa Associação.

A contribuição da A25A materializou-se, fundamentalmente, na organização de duas iniciativas.

A primeira, levada a cabo no dia 11 de Abril, numa das salas da Cooperativa Árvore, consistiu numa mesa redonda subordinada ao tema "Serviço Militar: Dever ou Opção?". Nele participaram 4 deputados da Assembleia da República, representando cada um dos partidos com assento parlamentar: Alberto Martins (PS), Cardoso Ferreira (PSD), Augusto Boucinha (CDS-PP) e João Amaral (PCP). O moderador do debate foi o sócio Coronel David Martelo, Vice-Presidente da Delegação do Norte.

Coincidindo com a inoportuna transmissão televisiva de um encontro de futebol, em que participava a principal equipa da cidade, o debate não teve a quantidade de assistência que a actualidade do tema justificaria.

Sobretudo porque, sendo o assunto de primordial importância para os jovens, a delegação se esforçou, particularmente, em mobilizar algumas das organizações de juventude sediadas no Porto. Estão neste caso a totalidade das Associações de Estudantes do ensino médio e superior, as Juventudes dos Partidos Políticos e as organizações sindicais.

Iniciado o debate, cedo se pôde concluir do extremo cuidado com que os representantes dos partidos abordavam as questões que lhes eram colocadas, do que resultou ter o debate adiantado muito pouco sobre o que já se sabia relativamente às previsíveis posições dos partidos aquando da revisão da actual Lei do Serviço Militar partindo do pressuposto de que a revisão da Constituição irá consagrar a escolha do modelo de recrutamento através de lei ordinária.

Contendo o Programa do XIII Governo a clara intenção de fazer anteceder a aprovação do novo modelo de recrutamento de um debate público – *"Na dependência da decisão da Assembleia da República, em sede de revisão constitucional, que permita a evolução para um sistema alternativo ao serviço militar obrigatório, serão elaborados estudos e promovido um* ***amplo debate*** *quanto às questões organizativo-militares para a transição do actual sistema de recrutamento misto (voluntariado e conscrição) para um sistema de recrutamento voluntário, a vigorar em tempo de paz"* – não foi possível "arrancar" ao representante do partido que sustenta o actual governo o devido

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

esclarecimento sobre qual o momento e o local em que o prometido "amplo debate" terá lugar e, bem assim, o grau de influência que a discussão poderá ter na decisão final.

A segunda iniciativa da A25A para as comemorações do 23.° aniversário do 25 de Abril foi a organização, em colaboração com o Clube de Sargentos e a Associação de Deficientes das Forças Armadas, de um jantar-convívio no Hotel Tuela, também na cidade do Porto. Nesse jantar, além de muitos sócios e simpatizantes das colectividades organizadoras, estiveram presentes como animadores do convívio, o cantor Manuel Freire e o Núcleo de Etnografia e Folclore da Academia do Porto. Na ocasião, a A25A prestou uma sentida homenagem ao Jornalista César Príncipe que, desde sempre vem, através dos seus escritos no "Jornal de Notícias" , defendendo os interesses da nossa Associação, designadamente no que respeita ao atribulado processo de atribuição de uma sede por parte da Câmara Municipal do Porto.

* * * *

Ambas as iniciativas mereceram larga cobertura na imprensa da cidade do Porto.

Acerca do colóquio destacam-se as peças de paulo F. Silva, "Serviço Militar – De Dever a Opção", no Jornal de Notícias de 13 de Abril e de Alexandre Praça, "Fim do SMO em Debate no Porto", no Público do mesmo dia.

Sobre as comemorações do XXIII Aniversário o Jornal de Notícias publicou textos de César Príncipe, "Aproxima-se o Aniversário", em 24 de Março, de João Baptista Magalhães, "25 de Abril, Bem Longe do 25 de Abril", em 11 de Abril, um texto não assinado, em 28 de Abril, sobre as comemorações na escola EB2.3. do Viso e a peça de Luis Alberto Ferreira, "No dia 25 de Abril", em 29 de Abril.

A QUERELA DO SERVIÇO MILITAR

Aceitei o desafio de comentar a obra recentemente editada pelo nosso camarada e consócio David Martelo, "**O Exército Português – na fronteira do futuro**", com alguma hesitação.

Na verdade, cedo me apercebi de que precisaria do seu editor para um outro livro que o comentasse devidamente, não só porque a matéria já me suscitou algumas abordagens mas, principalmente, porque se me deparou um arriscadíssimo exercício de concatenação, de opções interpretativas, de balanços conclusivos que o autor assume por inteiro e com a sua conhecida frontalidade.

Se não é pequeno atrevimento enveredar por uma síntese explicativa da nossa história e da doutrina militar na fundamentação das teses, também não será fácil fazer a sua avaliação sem uma abordagem profunda que excede a minha competência, aliás.

Uma coisa é certa, à partida, esta atitude corajosa e determinada merece um enorme respeito pois fica o autor muito exposto e também é verdade que, por vezes, nos deixa pouco espaço de manobra para nos conciliarmos com as suas proposições.

Do meu ponto de vista, gostaria de ver o David Martelo, com toda esta capacidade, a fazer leituras mais centradas na problemática do Homem e não tanto na intriga histórica, na geopolítica e na geostratégia.

São conhecidas, por exemplo, as controvérsias dos propugnadores dos poderes marítimos e terrestres que muitas vezes não passam de exercícios criativos. Virgílio de Carvalho, citado na obra, é um dos que se entregam a estas acrobacias mirabolantes e não sei se terá sido ele a "descobrir" o arquipélago português e a ilha ibérica, coisas contraditórias ainda por cima.

O David Martelo embarca um pouco nestas aventurosas descobertas e dizer que a fronteira do poder marítimo passa na nossa fronteira terrestre não pode ser levado a sério quando do lado de lá fica quem descobriu o outro meio mundo de Tordesilhas.

Do poder marítimo estou quase como o Américo Tomás com os aviões e só acredito nele quando vir o Conselho de Ministros no alto mar e uma Assembleia da República submarina. O Presidente, esse, já se provou com o Mário Soares que pode estar em qualquer ponto do planeta.

Da história, em alguns aspectos, temos mesmo de nos desembaraçar. É o caso do Iberismo que mereceu grande atenção ao Martelo, falando, e bem, do nosso "trauma" em relação ao assunto.

Há que ir mais longe e procurar um modo mais saudável se falarmos da jangada de pedra sem o "Papão" lá dentro.

Começa ela por assumirmos sem complexos a condição de Ibéricos, que somos sem a menor dúvida, e só não falo na de Hispânicos porque os nossos pruridos deixaram consolidar a apropriação pelos Castelhanos da designação a que teríamos também direito. Os Suecos e os Noruegueses são Escandinavos e não se importam de o ser.

Para afastarmos os "velhos receios que povoam a nossa memória colectiva" deveríamos mesmo ganhar uma outra dimensão e traçarmos uma estratégia cultural dos povos ibéricos. Todos teríamos a ganhar nessa afirmação planetária com a vantagem de associarmos os nossos irmãos Galegos, Bascos, Catalães de que muito nos esquecemos. Assim se transcende a história e a sua conflitualidade muitas vezes inútil.

Temos ainda de interiorizar a ideia de um país sem fronteiras que ja só valem do ponto de vista cultural e mesmo assim sem rigidez. O discurso estratégico do passado recente não é recuperável, melhor dizendo, está a ser mantido artificialmente.

Com as ameaças e os riscos temos de conviver saudavelmente e adoptar uma outra perspicácia, quando não se perfilem com um grau de probabilidade razoavelmente credível.

O que de mais grave, hoje, pode ocorrer no território nacional tem a ver com ameaças que se situam nos campos cultural e económico, das catástrofes naturais e artificiais, das crises de identidade e sociais.

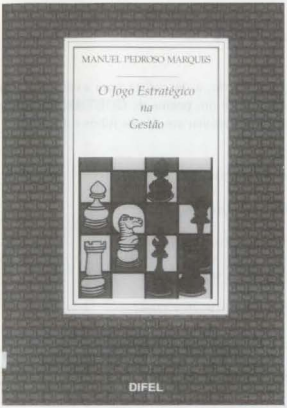
Em pequenos países nas nossas condições, Clausewitz já está de cabeça para baixo, pois quase só pela continuação da política teremos de fazer a guerra, porque já não será tanto por um território que nos preocupamos, será muito mais por uma configuração cultural, cuja coesão constitui a única resistência possível às políticas de dominação.

Intriga-me a convergência de militares, de elites políticas e culturais, no menosprezo da constituição dos factores de coesão que suportam a existência do Homem Português como se ele aparecesse por milagre ou se adquirisse numa solução curricular do sistema de ensino.

O comboio posto em marcha por Afonso Henriques chegou ao fim da linha e já só pode fazer marcha atrás. Há

(Continua na página seguinte)

LIVRO DE MANUEL PEDROSO MARQUES



O "*Jogo Estratégico da Gestão*" é a obra mais recente que o nosso camarada Coronel Manuel Pedroso Marques publicou na Editora Difel.

Analista experimentado e com largo currículo na actividade de gestão de empresas, Pedroso Marques oferece-nos neste seu livro uma reflexão sobre a estratégia empresarial, não apenas no plano especulativo, mas da qual é possível derivar orientações pragmáticas.

O livro lê-se com agrado, mesmo para os mais amadores destes temas, por virtude da profusão de ilustrações que fornece, muitas delas de empresas portuguesas, ajudando a formar uma visão mais informada do complexo económico em que vivemos.

Acresce que Pedroso Marques se afasta em grande medida dos cânones tradicionais destas áreas disciplinares, preferindo uma postura mais original e personalizada, o que sem dúvida muito contribui para o seu mérito. O diálogo a muitas vozes que nos proporciona com os autores consagrados não apenas em estratégia mas nas ciências afins, se num ou noutro caso pode parecer menos convencional, adquire por isso mesmo a frescura da visão alternativa.

Não sendo frequente entre nós a actividade publicitária em gestão empresarial e ainda menos em estratégia, o livro de Pedroso Marques vem preencher um lacuna e, assim se espera, inaugurar uma tradição. As nossas felicitações ao Autor.

Correia Jesuíno

(Continuação da página anterior)

sempre amigos dos velhos comboios mas o futuro não está aí, está no novo expresso europeu, goste-se ou não dele, e o pior que nos pode acontecer será o seu descarrilamento.

Esta mutação histórica leva-me a concluir que o problema estratégico português, encarado do ponto de vista militar se desdobra em duas vertentes principais:

– A externa, muito confinada ao quadro das alianças e dos acordos, principalmente à construção da política comum de segurança e defesa europeia.

– A interna, essencialmente desenvolvida na defesa dos nossos interesses culturais e vitais, da coesão e mobilização, a qual a componente militar se deve ajustar.

Enquanto a primeira se destina a sustentar um capacete de protecção que precisamos de assegurar ao mais baixo nivel de custos que se nos oferecer, a segunda deve constituir-se num investimento preferencial para garantirmos o grau de independência e segurança possíveis dentro dos novos parâmetros.

É dentro desta perspectiva que venho propondo uma estratégia de defesa eminentemente cultural, mobilizadora da coesão e da capacidade de enfrentarmos as crises, compatibilizando-a com um sistema de forças parcimonioso e uma protecção dos interesses vitais bem vocacionada.

É aqui que entronca a necessidade de um sistema de instrução geral que não se destina,como diz o Martelo, a fazer face a uma invasão do território nem tem na mente o inimigo espanhol, perspectiva redutora que se origina na tecnocracia militar, insistindo numa guerra académica.

O serviço militar remonta às origens da humanidade e da guerra, não à das fronteiras, e por detrás da sua face mais aparente esteve sempre a perpetuação do mundo colectivo com o revigoramento da coesão e do vigor dos seus membros. Desse ponto de vista, a conscrição foi apenas um modelo mais coerente e mais eficaz de atingir aquela finalidade. Dizer-se que servir como conscrito ou como voluntário é uma mera opção politica, continua a ser um reducionismo tecnocrático.

O estribilho "menos Exército mas melhor Exército" não será difícil de cumprir, tão mal as coisas andam. O problema está em saber para que queremos essa especie de Exército-anão e quando se invoca o "soldado altamente treinado, apto a sobreviver no campo de batalha" de que guerra "nossa" estamos a falar.

Da minha parte quero acima de tudo preservar o "Homem Português" fraterno e solidário com os restantes povos do mundo, não quero um monstro militar num país sem alma.

Sei que o Martelo não vai contra isto e sei também que da sua perspectiva tão honestamente e laboriosamente defendida se mantem a possibilidade de dialogar com a minha e com outras que porventura se anunciem.

Esta querela está pervertida e prejudicada exactamente por lhe ter faltado espaço de diálogo.

JOSÉ CARDOSO FONTÃO

RECORDANDO

"O TEACHER ALFAFA"

Li, com prazer, emoção e respeito, o artigo constante do N.° 45/96, da responsabilidade do Sócio Nuno Fisher Lopes Pires e referente ao seu antigo professor de inglês, Dr. Elviro da Rocha Gomes.

Corroboro as afirmações contidas no artigo.

No entanto, cumpre-me expressar três juízos, já que o referido Dr. Rocha Gomes também foi meu Professor de Inglês, no período de 1952/1953, no Liceu de Faro.

1.° A sua alcunha, por razões que desconheço, era a de "ALFAFA", nome vulgar de Luzerna, planta de flores violáceo-azuladas, de raíz comprida e perpendicular. Semeia-se na Primavera, em terra funda, pouco húmida e bem estrumada. O campo pode dar de três a seis cortes por ano e o prado continua a produzir Luzerna, por muitos anos.
Significa, ainda, "grande luz; clarão; réstea de sol".

2.° O nosso Professor, nas aulas, só se exprimia em inglês, o que representava, para a altura, um notável avanço nos métodos do ensino.
Que pena ele não ter continuado a ser nosso professor nos anos seguintes!

3.° Vim, mais tarde, a descobrir uma extraordinária tradução sua de um poema de GOETHE, que julgo ser importante ensinar aos nossos filhos e amigos:

"Dá ao teu Eu mais sólida firmeza!

Palavra tua não quebres a rir!

E não prometas, com real certeza,

Aquilo que não desejas cumprir.

Confia em ti. E, no melhor sentido,

Procura o bom caminho, o verdadeiro,

Tal como se o tivesses prometido,

Sob palavra de honra, ao mundo inteiro"

Dinis Sebastião
Sócio N.° 277

ADQUIRA NA A25A

LIVROS

- 25 DE ABRIL - NÚMERO ESPECIAL	*da Seara Nova*	750$00
- 96 QUADRAS EM JEITO DE MISSÃO	*de Julião Bernardes*	1.000$00
- SOMBRAS DE PESSOA(S)	*de Julião Bernardes*	1.000$00
- A PRIMEIRA COLUNA DE NAPAINOR	*de António S. Viana*	3.200$00
- BALADA DE UMA REVOLUÇÃO	*de Franco Carretas*	1.000$00
- CAPITÃO DE ABRIL	*de Salgueiro Maia*	1.750$00
- CENTURIÕES E PRETORIANOS	*de Pezarat Correia*	480$00
- DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA	*de Pezarat Correia*	1.400$00
- QUESTIONAR ABRIL	*de Pezarat Correia*	2.600$00
- ANGOLA DO ALVOR A LUSAKA	*de Pezarat Correia*	2.900$00
- NO REGRESSO VINHAM TODOS	*de Vasco Lourenço*	1.400$00
- SEMINÁRIO "10 ANOS DEPOIS "	*da A25A*	750$00
- 25 DE ABRIL 20 ANOS	*da A25A*	4.000$00
- O SENHOR COMENDADOR	*de Cândido Ferreira*	2.380$00
- DIÁRIO DA LIBERDADE	*de Aniceto Afonso*	4.000$00
- NÓ CEGO	*de Carlos Vale Ferraz*	2.800$00
- OS LOBOS NÃO USAM COLEIRA	*de Carlos Vale Ferraz*	1.500$00
- SOLDADÓ	*de Carlos Vale Ferraz*	1.450$00
- KIANDA O RIO DA SEDE	*de Álvaro Fernandes*	1.300$00
- A EUROPA DOS CIDADÃOS	*da Civitas*	1.500$00
- O PULSAR DA REVOLUÇÃO (CRONOLOGIA DA REV. 25 ABRIL)	*de Boaventura Sousa Santos, Maria Manuela Cruzeiro e Maria Natércia Cunha*	8.550$00
- O UNIVERSO, A NATUREZA, A HOMINIZAÇÃO	*de José Valentim de Matos Prata*	1.000$00
- TESTEMUNHO VIVO	*de José Valentim de Matos Prata*	1.500$00
- ULTRAMAR... PEQUENAS HISTÓRIAS POR CONTAR	*de José Valentim de Matos Prata*	1.000$00
- OS SARGENTOS NA HISTÓRIA DE PORTUGAL	*de Vaza Pinheiro*	2.000$00
- POR VIRIATO ! MEU HERÓI POLICIÁRIO	*de Manuel Geraldo*	1.750$00
- VIDA E OBRA DE PEDRO NUNES		400$00
- HUMBERTO DELGADO O GENERAL SEM MEDO		500$00
- POEMABRIL-ANTOLOGIA POÉTICA		1.500$00

CORONEL JOÃO PAULO ROBIN DE ANDRADE

Não era sócio da Associação 25 de Abril. Até porque, depois do 25 de Novembro de 1975 e da sua passagem à reserva, se remeteu a um certo isolamento, sem nunca renegar o seu apelo aos ideais que o levaram a aderir por inteiro ao 25 de Abril. Era um "Capitão de Abril", de uma geração anterior à dos capitães de 1974, figura destacada do grupo de jovens oficiais que, no final da década de 50, entraram no processo conspirativo contra a ditadura salazarista, em apoio de Humberto Delgado. Grupo que, como muito bem refere Varela Gomes em artigo no "Diário de Noticias" de 9 de Junho, "Sobre os cinzas de um camarada e amigo, militar antifascista", em que evoca a personalidade militar e cívica de Robin de Andrade, era já *"um MFA antes de o ser"*.

O meu conhecimento com Robin de Andrade data exactamente dessas ligações conspirativas, por altura do "golpe da Sé" de Março de 1959, no seio do Movimento Militar Independente (MMI) e da Unidade Militar (UM).

Não pode por isso, "O Referencial", guardar silêncio sobre a sua morte, ocorrida em 18 de Maio. Que, dolorosamente, nos surpreendeu.

É uma homenagem que prestamos. A um militar que, como outros da sua geração – mas Robin de Andrade sem qualquer dúvida, porque sempre se distinguiu nos meios que frequentou – e como escrevi no meu livro "Questionar Abril", *"deveriam ter sido, pela ordem natural das coisas os primeiros generais do 25 de Abril (...) vieram na quase totalidade, a terminar as suas carreiras no posto de coronel, enquanto eram promovidos a oficiais generais outros, da mesma geração, que nunca haviam arriscado o mínimo empenhamento na luta contra a ditadura e mesmo muitos que, pelo contrário, não escondiam a sua hostilidade aos camaradas conhecidos pelas suas posições contra o regime"*.

Foram estes os que, uma vez com o poder da hierarquia que o MFA lhes colocou nas mãos vieram a, fria e metodicamente, sancionar os próprios homens do MFA.

O Exército Português perdeu, com a não promoção de Robin de Andrade, alguém que seria, seguramente, um dos mais distintos e competentes generais das Forças Armadas Portuguesas ao serviço do Portugal democrático.

Foi uma das nossas maiores fragilidades. Ao reconhecê-lo, estamos também a prestar a Robin de Andrade, ainda que postumamente, um acto de justiça.

PEDRO PEZARAT CORREIA

ADQUIRA NA A25A

DISCOS:

FESTA DE ABRIL *de Adelaide Ferreira, Bombo da Festa, Fernando Tordo, José Palma, José Beato, José Mário Branco, Maria Guinot, Pedro Barroso, Tino Flores, Tozé Brito e Vitorino* 1.000$00

XVANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL - *13 Canções Heróicas de Fernando Lopes Graça - Piano Madalena Sá Pessoa - Canto Celeste Amorim* 1.000$00

MARIA GUINOT 1.000$00

SERIGRAFIAS:

ARMANDO ALVES 30.000$00

FRANCISCO SIMÕES 10.000$00

CASQUILHO *(Varinas, Pescadores e Mulheres da Bilha)*
- *cada* 10.000$00
Conjunto (3) 25.000$00

ANTÓNIO COLAÇO 15.000$00

ACART 5.000$00

LITOGRAFIA

JOÃO LUIS 500$00

MEDALHAS DA A25A

ANO 82 *de José Aurélio* 1.500$00
ANO 83 *de Jorge Correia* 1.500$00
ANO 84 *de José Aurélio* 1.500$00
ANO 85 *de José Aurélio* 1.500$00
ANO 86 *de João Duarte* 1.500$00
ANO 88 *de José Santa-Bárbara* 1.500$00
ANO 90 *de Carlos Rafael* 1.500$00
ANO 92 *de Helder Batista* 1.500$00
ANO 93 *de Joana (Aurélio)* 1.500$00
ANO 94 *de José Aurélio* 2.500$00
ANO 94 - Medalhão *de José Rodrigues* 5.000$00
ANO 95 *de Cândido Gaspar* 1.500$00
ANO 96 *de Manuela Soares* 2.000$00
ANO 97 *de José Rodrigues* 2.000$00

OUTRAS:

10.º Aniversário do 25 de Abril *de Dorita* 1.500$00

COMEMORATIVA

30.ºANO DA MORTE DE HUMBERTO DELGADO (Memorial em Villanueva del Fresno) 2.500$00

16 DE MARÇO

Desde 1974 que o ***16 de Março***, o chamado ***Golpe das Caldas***, é controverso e, de vez em quando, é muito mal contado.

Durante estes anos, e sempre que alguns dos seus intervenientes, ou alguns dos elementos do chamado ***grupo spinolista***, ou alguns dos detractores do 25 de Abril, o consideram vantajoso, lá volta a história do 16 de Março à baila, com algumas afirmações e comentários incorrectos e menos verdadeiros e, normalmente, com algumas injustas acusações ao ***MFA***. Nomeadamente, a de que no 16 de Março houve traição da parte de alguns elementos do ***MFA***, com o claro objectivo de fazer gorar a tentativa de derrube de Marcelo Caetano, com a consequente prisão dos ***spinolistas*** – os mais honestos militares de Abril, segundo a expressão dos mesmos – e o seu afastamento do ***MFA*** e do processo, deixando o terreno livre aos ***comunistas e seus derivados***...

Se não fosse tão delirante, tão maquiavélico, diria que os acusadores se estavam a olhar ao espelho!...

Nessas acções tem-se distinguido o ***Virgílio Varela***, que vem contando a história à sua maneira, colocando-se sempre no centro da mesma e promovendo, directa ou indirectamente, a menorização dos outros (ele, que ficou no quartel, que terá prendido o ***comandante***, a quem permitiu a utilização do telefone directo para avisar o Quartel General e promover a resposta ao ***RI 5***, até é apontado publicamente como o comandante da coluna que avançou para Lisboa...).

Quando alguns tentam reescrever a História, ou escrevê-la à sua maneira, impõe-se dar a conhecer outro lado da história do ***16 de Março***. Principalmente, quando se vêm distorcendo os factos e se fazem iníquos ataques à honorabilidade de impolutos militares de Abril. Para que, no mínimo, se possam confrontar dados, acontecimentos, visões e opiniões diversas sobre a matéria em causa. Isto, porque apesar do assunto estar já bem contado, nomeadamente em ***Alvorada em Abril***, do ***Otelo Saraiva de Carvalho***, lá vem, de vez em quando, mais uma tentativa...

Seria preciso era saber orientar as suas contestações e aproveitá-las para a libertação dos portugueses e a implantação da democracia.

Para compreender o **16 de Março**, impõe-se regressar ao início e à natureza do ***Movimento dos Capitães***, do ***Movimento das Forças Armadas*** e de toda a conspiração, que nos levaria ao ***25 de Abril***. Desde logo, acentuar a natureza de ***total autonomia*** que o ***Movimento*** teve.

Admitindo que a origem de toda a movimentação está na reacção ao ***I Congresso dos Combatentes***, onde o ***grupo spinolista*** tem um papel fundamental, interessa ter presente que, na sequência desses acontecimentos, a influência desse grupo se esvai e quase desaparece. Talvez porque, como então foi afirmado pelo ***Eanes***, ***"isto não pára mais, pois apareceu o Vasco Lourenço, tomou conta disto e não vai permitir que isto pare..."***

Com efeito, andando nós à procura de respostas à pergunta ***como aproveitar esta dinâmica, como organizarmo-nos para dar a volta a isto***?, ao aparecer o decreto-lei n.º 353/73, houve quem então afirmasse que ***ainda havemos de fazer uma estátua ao Sá Viana Rebelo***! Isto, porque de imediato se vislumbrou a importância fundamental que as suas consequências poderiam ter na mobilização dos jovens oficiais do Quadro Permanente. Seria preciso era saber orientar as suas contestações e aproveitá-las para a libertação dos portugueses e a implantação da democracia. Ainda me estou a ver, numa reunião em minha casa, a discutir com o ***Mariz Fernandes***, que preconizava uma organização em células clandestinas, e a afirmar-lhe que ***iria organizar a reunião alargada (9 de Setembro, em Alcáçovas), com poucas preocupações de clandestinidade, pois havia que aproveitar o facto de um grande número de oficiais estar com dor de barriga...***

O decreto já referido e as suas alterações constituem, desde o início, o elemento principal que se usou na agitação que nos levaria à consciencialização política.

Lançado o ***Movimento dos Capitães***, os spinolistas participam de forma marginal no mesmo e são rapidamente ultrapassados na importância que, porventura, seria legítimo pensar que os mesmos assumiriam. A sua participação é diminuta: recordo-me de uma reunião em casa do ***Diniz de Almeida***, onde o ***Almeida Bruno*** aparece a dizer que ***se for preciso falar com o Américo Tomás, eu tenho acesso a ele***, numa atitude que então levantou alguma celeuma e deu origem a que o Bruno, vendo que o ***Movimento*** não andava à procura de quem o dirigisse ou dele tomasse conta (como então lhe foi dito), não mais aparecesse; como me recordo que outros oficiais, considerados como exponenciais do grupo spinolista, pouco participaram, seja porque entretanto foram mobilizados (***Eanes***), seja porque consideravam que se andava a discutir muito e a perder tempo (quando for preciso pegar numa G-3, chamem-me: ***Fabião***).

O facto é que o decreto já referido e as suas alterações constituem, desde o início, o elemento principal que se usou na agitação que nos levaria à consciencialização política. No entanto, e muito naturalmente, verificaram-se fortes divisões entre os beneficiados e os prejudicados profissionalmente, pelas medidas aí preconizadas (todos eles, oficiais do quadro permanente). O que leva à constituição de dois grupos antagónicos, que os beneficiados (ex.-milicianos) vêm a baptizar de ***espúrios*** (eles próprios) e de ***puros*** (os oriundos de cadetes, que constituiriam o ***Movimento dos capitães***). Situação que não é anulada com a derrota dos primeiros (muito menos e com muito menor importância na instituição militar), consubstanciada na anulação dos decretos e das respectivas medidas e consequências. Situação que, pelo contrário, se agrava com o facto de os ***puros***

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

aproveitarem e explorarem, muito bem, as desastrosas consequências que resultariam da aplicação dos decretos, no que se refere à qualidade dos cursos da Academia Militar e ao consequente desprestígio da própria Instituição Militar – daí a força que o ***Movimento*** vem a atingir.

A melhor prova de que as motivações do ***Movimento*** não eram de natureza sócio- profissional ou corporativa está no facto de, apesar da anulação dos decretos atrás referida, o mesmo ter continuado a sua acção, ultrapassando a previsível desmobilização. E o facto é que nem a tentativa de ***compra*** que o Governo protagonizou em Dezembro, com um elevado aumento de vencimentos, surtiu efeitos, tendo continuado a caminhada para a libertação...

Nem a tentativa de compra que o Governo protagonizou em Dezembro, com um elevado aumento de vencimentos, surtiu efeitos, tendo continuado a caminhada para a libertação...

Ao contrário, o grupo dos autodenominados ***espúrios*** nunca deixou de colocar acima de tudo as questões sócio-profissionais. Nesse sentido, em princípios de 1974, e aproveitando o facto de o ajudante de ***Spínola*** ser um dos seus (***António Ramos***), conseguiu um contacto com o entretanto nomeado Vice Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e obteve dele o apoio para as suas reivindicações e a promessa de futura resolução dos problemas existentes.

Importa aqui referir que, para o ***Movimento, Spinola*** nunca foi o principal chefe a contactar e a convidar para chefiar o previsível pronunciamento militar. Desde ***Óbidos***, em 1 de Dezembro, que ele foi escolhido em 2.° lugar, depois de ***Costa Gomes***. Nada tendo ajudado a sua reacção à denúncia que ***eu*** e o ***Fabião*** lhe fizemos, sobre o iminente golpe chefiado por ***Kaúlza de Arriaga*** – a chamada ***kaulzada*** –, onde nos aconselhou a estarmos atentos ao seu discurso de tomada de posse do cargo de Vice-CEMGFA, previsto para dali a um mês e meio...

A ligação que entretanto se deu entre os ***espúrios*** e o general ***Spínola***, a publicação do livro deste ***Portugal e o Futuro*** e a aproximação que se dá entre o referido general e o ***Movimento*** (quer por nossa iniciativa, quer por iniciativa do ***homem do monóculo***, nomeadamente quando nos pediu para avalizarmos a denúncia da ***kaulzada***, junto do general ***Silvino Silvério Marques***, que se dizia totalmente alheio à mesma, acção que eu protagonizei no gabinete do próprio Vice-CEMGFA) ajudou a criar condições para uma tentativa de aproximação entre os dois grupos, ***puros e espúrios***.

Aproximação que se dá numa reunião, a 3 de Março em casa do ***Vítor Alves***, onde não pude comparecer – terá sido uma das poucas reuniões importantes a que faltava, até ali – devido a estar retido na cama, doente. Nessa reunião os ***puros*** comprometem-se a, no futuro, procurar encontrar uma solução para as reivindicações dos ***espúrios*** (não passando tal, como é fácil de perceber, pela aplicação do dec. lei 353/73...). Em consequência, fica decidido que os ***espúrios*** iriam à próxima grande reunião do ***Movimento***, prevista para 5 de Março, e se procurariam integrar no mesmo.

Com efeito, tal como estava previsto, realizou-se a última das grandes reuniões clandestinas do ***Movimento*** (já entretanto rebaptizado de ***MOFA - Movimento dos Oficiais das Forças Armadas*** – e mais tarde de novo rebaptizado de ***MFA – Movimento das Forças Armadas***), em 5 de Março, em Cascais.

Nessa reunião – sempre dirigida pelo ***Movimento***, nomeadamente pela sua Direcção e mais especificamente por mim – vêm à superfície as várias posições que se defendiam e, muito naturalmente, ressaltam as divergências profundas que nos dividiam. As conclusões aí aprovadas não deixam, no entanto, lugar a dúvidas: ***as posições dos spinolistas, e nomeadamente as dos espúrios, são claramente vencidas pelas posições defendidas pelo Movimento***.

Saiu-se da reunião de Cascais convencidos e dispostos a avançar, rápida mas seguramente, para a libertação dos portugueses do jugo fascista – colonialista, a implantação da democracia e a resolução da questão colonial!

Com efeito, ***Costa Gomes*** volta a ser escolhido em primeiro lugar (agora com uma percentagem da ordem dos 4 para 1), ainda que nunca isoladamente e sempre na companhia de ***Spínola***. O que não impede, quando se discutia a necessidade de elaboração de um programa político, que os spinolistas, através do ***espúrio Armando Ramos***, ao mesmo tempo que tentam evitar a decisão de elaboração do referido programa político, procurem colocar o seu general em primeiro lugar, passando por cima da escolha já feita, defendendo que ***não precisamos de programa político, temos um chefe, ele diz como é e nós vamos atrás dele...*** O que, então, motivou a minha pergunta ***que chefe?*** e o meu esclarecimento, à sua resposta ***Spínola***, de que ***Costa Comes fora escolhido em primeiro lugar...***

Tão ou mais importante do que a escolha do(s) chefe(s), seria no entanto a decisão sobre ***a necessidade de elaborar e aprovar um programa político e de condicionar a escolha dos chefes à sua aceitação desse mesmo programa***. Como igualmente foi importante o facto de ter sido ***ratificada a confiança na Comissão Coordenadora e na Direcção do Movimento (às quais não pertencia qualquer espúrio)*** e nelas ser delegada a missão de cumprir o que foi aprovado na reunião. Que incluía a decisão de ***organizar e accionar um golpe militar, para derrube do regime, acompanhado por um programa político*** (veio a ser o ***Programa do MFA***) que entretanto seria elaborado pela Comissão de Redacção que a Direcção ficou incumbida de nomear (logo ali me virei para o ***Melo Antunes*** e lhe disse que estava nomeado para presidir a essa comissão).

Saiu-se da reunião de Cascais convencidos e dispostos a avançar, rápida mas seguramente, para a libertação dos portugueses do jugo fascista – colonialista, a implantação da democracia e a resolução da questão colonial!

Tudo se viria a precipitar, no entanto, nos dias que se seguiram.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

Certamente conhecedores do teor das decisões aprovadas em Cascais, os governantes decidiram retaliar o ***Movimento*** e o Ministro do Exército decide transferir, compulsiva e imediatamente, quatro capitães (permita-se-me um pequeno comentário: ou eles não tinham informações correctas sobre o ***Movimento*** e, nomeadamente, sobre Cascais, ou continuavam a menosprezar a nossa capacidade...). E, assim, logo no dia 8 de Março (três dias depois...) ***eu*** recebo ordem de transferência para ***Ponta Delgada***, o ***Carlos Clemente*** para ***Angra do Heroísmo***, o ***Antero Ribeiro da Silva*** para o ***Funchal*** e o ***David Martelo*** para ***Bragança*** (todos com o embarque marcado para o dia seguinte...).

Confrontado com a situação, o Movimento reúne de emergência a sua comissão coordenadora com mais alguns elementos, incluindo oficiais da Marinha e da Força Aérea, e, após uma profunda discussão, decide-se por uma ***prova de força*** face ao Governo: ***vai raptar os capitães transferidos de Lisboa para as Ilhas e impedi-los de embarcar***. Ao mesmo tempo, decide ***promover uma grande manifestação, no Terreiro do Paço frente ao Ministério do Exército***, para pressionar o Ministro e levá-lo a alterar a decisão. Durante a discussão, os oficiais da Marinha pressionam para que os deixem contactar o respectivo Ministro, que consideravam ***um tipo porreiro***. Solução que, depois de muito discutida, foi aceite e provocou o agravar da situação: acordado, perto das três da manhã, o Ministro ouve, porventura ainda ensonado, a informação / pedido de que ***o Ministro do Exército dera ordem de transferência imediata de três capitães, de Lisboa para as Ilhas, o Movimento não iria permitir essa situação, pelo que se solicitava a sua intervenção junto do mesmo, no sentido da anulação do despacho. Ou então o Movimento actuará...***

De certo totalmente acordado e desperto, o Ministro da Marinha contacta de imediato os seus parceiros da Defesa e do Exército e as consequências traduzem-se na ***declaração do estado de prevenção rigorosa, situação que se não vivia desde 1961***. Ao serem contactados para comparecerem e permanecerem nas respectivas unidades militares (prevenção rigorosa...), os oficiais do ***Movimento*** vêem-se assim impedidos de levar para a frente a manifestação programada. Acção que seria substituída por uma ***manifestação*** junto dos comandantes das unidades, a quem é ***manifestada a solidariedade com os capitães transferidos e a exigência de anulação do despacho ministerial*** (ao ser efectivamente praticada em muitas unidades – com a particularidade de, em cada uma delas, o ser feita isoladamente, sem a certeza de nas outras unidades também se estar a realizar – esta acção mostrou duas realidades muito importantes: a grande dimensão do ***Movimento*** e a enorme determinação dos seus elementos).

Nesse dia à noite, apesar da prevenção rigorosa, a comissão coordenadora reúne alguns dos seus elementos, faz contactos telefónicos com os outros, e decide entregar os dois capitães que efectivamente haviam sido ***raptados (Vasco Lourenço e Antero Ribeiro da Silva)***. Considerando alcançados objectivos extraordinários – contestação e enfrentamento públicos ao ***poder*** – a tarefa é dada ao ***Nuno Pinto Soares***, que nesse mesmo dia havia assumido uma posição individual, de ***apresentação da demissão de oficial do Exército, por solidariedade para com os transferidos***. Em resultado disso, ficam os três presos na Casa de Reclusão da Trafaria, constituindo-se assim nos primeiros ***mártires*** do ***Movimento***. O que provocou, muito logicamente, uma grande perturbação entre os seus elementos, que se sentiam obrigados a não aceitar a situação e a reagir em força. Até porque, se o não fizessem, corriam o risco de perder ***a força da unidade*** que lhes advinha do facto de ***confiarem que cada um e todos eles seriam defendidos por cada um e todos eles***, em caso de necessidade...

Basta reler Alvorada em Abril do Otelo para entender bem as diferentes forças que então se movimentaram e perceber como foi possível cair na sublevação do 16 de Março.

Numa coisa os governantes acertaram, a minha prisão, mais que a dos outros capitães – ainda que o Pinto Soares também pertencesse à Comissão Coordenadora – constitui um rude golpe no ***Movimento***, devido às minhas responsabilidades e funções: ***como um dos três membros da Direcção do Movimento, era o responsável pela Ligação e pela área operacional*** (mal comparado e para melhor compreensão, diria que era o responsável pelo *aparelho do partido*). Com as naturais consequências, nos dias e nas acções que se seguiram...

A esta perturbação vem juntar-se a informação de que Marcelo Caetano promovera uma acção de vassalagem, das Forças Armadas para com o Governo, acção de que ***Costa Comes e Spínola*** se demarcaram, decidindo não comparecer. O que levara Marcelo a ameaçá-los com a demissão e fizera com que ***Spínola*** sugerisse ao ***Movimento*** uma manifestação que impedisse aquela jornada de vassalagem.

Basta reler ***Alvorada em Abril*** do ***Otelo*** para entender bem as diferentes forças que então se movimentaram e perceber como foi possível cair na ***sublevação do 16 de Março***.

Com efeito, se tivermos presente o que se passou em Cascais, se a isso juntarmos o ***abaixo assinado*** que, à revelia da ***Comissão Coordenadora do Movimento***, fora posto a circular depois dessa reunião (onde se pedia apoio explícito a ***Spínola*** e, em segundo lugar a ***Costa Comes*** – como no-lo conta ***Diniz de Almeida*** em ***Origens e Evolução do Movimento dos Capitães***), facilmente percebemos a pressão exercida pelos ***espúrios***, nomeadamente o ***Virgílio Varela***, para que se fizesse rapidamente ***qualquer coisa*** que impedisse que ***Spínola*** deixasse de poder resolver-lhes o problema sócio – profissional...

Não quero ***puxar dos galões***, mas considero que a minha ausência deixou algum espaço livre, para acções como as que se seguiram...

Uma primeira ***ordem de operações***, ou melhor, nem isso chegou a ser, mas apenas um ***plano operacional*** – feito ***em cima do joelho (à revelia da Comissão Coordenadora, ainda que com a participação do Otelo)***, de uma forma

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

totalmente amadora, reunidos em casa do ***Casanova Ferreira***, alguns oficiais ***atiraram***, durante uma hora, com objectivos e forças utilizáveis, consoante se iam lembrando, tendo então provocado grande discussão a sugestão do Casanova de se iniciar o golpe com o bombardeamento da ***Assembleia Nacional em S. Bento***, com uma bomba de 250 kg. – para um golpe a fazer a 14 de Março, não é aprovada nem pelos páraquedistas, nem pela Escola Prática de Cavalaria (em reuniões de 11, 12 e 13 de Março). Em nome da eficácia, considerava-se, e bem, que era preferível os presos ficarem mais uns dias ***dentro*** e que não havia problema com as possíveis demissões dos dois generais...

Isso, se não houvesse quem entrasse em pânico, com a perspectiva de ver o seu ***advogado*** fora de combate... Com efeito, ***Virgílio Varela***, sempre com a mania das grandezas, até ameaça sair sozinho(!), o que leva ***Casanova Ferreira***, convencido com a ***boutade*** (sabia lá o Casanova que o ***RI 5*** tinha uma predominância de oficiais ***puros***, a que o Varela, como ***espírito***, não conseguiria fazer frente... se fosse o caso...) a pressionar ***Otelo*** para reverem o ***plano operacional***; o ***CIOE*** de ***Lamego*** segue na mesma onda, precipita-se e subleva-se contra o comandante da Região Militar do Porto, declarando que um general que havia participado na vergonhosa ***brigada do reumático*** não era digno de os comandar, para além de não aceitarem a demissão dos dois generais; ***Manuel Monge*** e ***Casanova Ferreira, loucos de entusiasmo e voluntarismo***, insistem na necessidade de avançar rápido (o facto estava consumado, havia já ***uma unidade sobre rodas***), ***Otelo*** não tem força nem capacidade para lhes fazer frente e, em conjunto, tentam recuperar o ***plano operacional*** rejeitado de véspera. Comigo na prisão, ainda sem as estruturas da ***Ligação*** refeitas, ao mesmo tempo que aproveitam o ***mensageiro Armando Ramos***, que parte para as Caldas para transmitir as informações sobre a situação e as missões da unidade, tentam, desesperada e atabalhoadamente, fazer avançar as diversas unidades. Muito naturalmente, ***a Ligação não funcionou, a organização operacional não funcionou e o desastre quase foi total***. Digo ***quase***, porque desse ***desastre*** foi possível (***vá-se lá saber porque cargas de água o Otelo não foi descoberto e preso(!), o que então até levantou algumas suspeitas...***) tirar importantes ilações, que seriam muito úteis para a acção militar do ***25 de Abril***.

Voltemos à ***Alvorada em Abril***, relamos o relato pormenorizado do ***Otelo*** e vejamos como, naquelas condições, era impossível accionar as diversas unidades, em qualquer acção concertada (***a EPI em exercícios de campo; a EPC a lembrar que me dissera que necessitava de, no mínimo, 48 horas – tinha as munições em Santa Margarida; a EPA com o pessoal todo de fim de semana...***). No meio de tudo, ainda foi possível alguma acção do ***Movimento*** (através de iniciativas locais e desgarradas): a companhia do ***BC 5*** era comandada por um seu capitão e estava na expectativa; a companhia da ***EPI*** que foi mandada avançar para a zona de Vila Franca de Xira era igualmente comandada por um seu capitão, que à pressa trocara com o que estava previsto comandá-la e estava também na expectativa; dois capitães que integraram a força, que de Santarém avança para as Caldas, são do ***Movimento***, levam oito horas a chegar e estavam igualmente na expectativa...

Se, além dos oficiais do Movimento que se envolveram no 16 de Março e, em consequência disso foram presos (importa ter presente que a maioria dos oficiais do RI 5 era do Movimento), tivessem sido apanhados os principais elementos do Movimento, nada seria igual ao que se passou depois. Não teria havido o 25 de Abril.

Não gostaram, os militares do ***RI 5***, de ver essas forças a obedecer ao Governo, nomeadamente a colaborar no cerco à sua unidade e, de vez em quando, lá vêm afirmações e acusações despropositadas e inaceitáveis, porque falsas e injuriosas. Se lá estivesse, na altura, também não teria gostado. Mas, analisando hoje a questão, que queriam eles, no meio de tanta confusão, tanta descoordenação? Atitudes quixotescas, que certamente deitariam tudo a perder, em termos de futuro? Será que nem a evolução dos acontecimentos os fez pensar de outra forma? Não vêem como tudo seria diferente, se o ***Salgueiro Maia*** tivesse sido descoberto e preso? Tal como o ***Otelo***? Ou ainda há quem defenda a teoria, posta a circular por ***Spínola*** e pelos seus homens, de que ***o 16 de Março foi uma cabala, provocada pelos comunistas do Movimento, para os afastar a eles, spinolistas, os mais puros e capazes, do golpe vitorioso?...*** Nesse caso, deveriam pedir responsabilidades a alguns deles próprios, juntamente com o Casanova Ferreira e o pessoal do CIOE ...

É, hoje, claro e patente que a prisão de quase todo o grupo spinolista (eram tão poucos...) nada influenciou o andamento da acção libertadora do ***Movimento***.

Mas, duma coisa não duvidemos: se, além dos oficiais do ***Movimento*** que se envolveram no 16 de Março e, em consequência disso foram presos (importa ter presente que a maioria dos oficiais do ***RI 5*** era do ***Movimento***), tivessem sido apanhados os principais elementos do ***Movimento***, nada seria igual ao que se passou depois. Não teria havido o ***25 de Abril***. E, se apesar do meu ***desaparecimento*** (para os Açores), foi possível organizar e executar o golpe militar em tão pouco tempo, é porque a nossa organização era, então, já suficientemente forte e consolidada. O que permitiu aos outros dois elementos da ***Direcção (Vitor Alves e Otelo)***, bem como aos restantes membros da ***Comissão Coordenadora***, organizar e dirigir a acção que, em ***25 de Abril***, resultaria de forma exemplar. E, ao contrário do que muitas vozes despeitadas dizem, não foi tão fácil assim, nem foi brincadeira de crianças. Basta olharmos para os vários falhanços anteriores, para o falhanço do 16 de Março e para os falhanços das diversas tentativas de golpe que se seguiram ao 25 de Abril, para facilmente concluirmos que, nessa data memorável, a acção ***até nem foi nada má. Nem estava mal planeada, nem foi mal executada. Convenhamos que, pelo contrário, até foi brilhante. Talvez por isso, apareçam***

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

estórias sobre a paternidade do que, efectivamente, o Otelo fez..

Mas voltando ao ***16 de Março***: perante a precipitação dos acontecimentos, como reagiram os oficiais do ***Movimento, do RI 5***?

Confrontados com a informação que lhes é transmitida pelo ***Armando Ramos (espúrio)***, duvidosos ainda do resultado da integração dos ***espúrios no Movimento*** e das verdadeiras intenções dos mesmos, que fazer perante a situação, onde quem aparecia a ***dominar*** a situação eram precisamente os elementos que eles, ainda há poucos dias, olhavam com grande desconfiança? Muito naturalmente, desconfiaram, duvidaram e não alinharam à primeira. Pressionados, pelos acontecimentos e pela euforia dos ***espúrios***, com a ***Ligação*** a não funcionar, decidiram avançar e participar. E fazem-no de forma decisiva, pois, além de em maior número, a companhia que saiu em direcção a Lisboa era comandada por um ***puro***, o capitão ***Piedade Faria***. Ao fim e ao cabo, estava-se a caminho daquilo que se andava a preparar há alguns meses... ***tal como o Otelo, não conseguiram vencer a impetuosidade e mesmo o oportunismo de uns quantos...***

Não se pode, hoje, é tentar contar a história ao contrário! Nenhum deles hesitou, no que se refere aos ***princípios, aos valores do Movimento***. Pelo contrário, ainda que duvidosos do que se estava a passar, tudo arriscaram, em prol dos compromissos que haviam assumido para com o ***Movimento***. Tal como não houve traições, nem existem factos obscuros por contar! Pelo menos da nossa parte! Se outros os têm, como de vez em quando dizem ter, é bom, é fundamental que os tornem, desde já, do conhecimento público! Acabemos é com tentativas de ***chantagem(?!)***, que de tão chochas já cheiram mal! Não se pode admitir que, a coberto de compromissos, que se diz terem sido feitos (por quem(?), com quem(?), nada se adianta...) se construam e mantenham ***segredos*** que dão cobertura a miseráveis acusações, como as que ainda há pouco se fizeram ***ao Salgueiro Maia e ao Otelo***. Parece-me que o melhor é, sem dúvida, acabar com todos os ***segredos... ou ainda nos arriscamos a descobrir que, afinal, quem forneceu os planos para a ordem de operações foi o Marcelo Caetano, no encontro que parece ter tido com elementos do Movimento, à revelia da sua Direcção e Comissão Coordenadora!!!...***

Não se pode admitir que ... ... se construam e mantenham segredos que dão cobertura a miseráveis acusações, como as que ainda há pouco se fizeram ao Salgueiro Maia e ao Otelo.

Esse pode ser outro filme, um filme dos que ***pretenderam fazer um golpe para impôr um projecto de poder pessoal, mais ou menos norteado por razões de natureza sócio-profissional!***

A esse filme dissemos, ***nós os elementos do Movimento, NÃO!***

Como o reafirmámos, ***Não***, por várias vezes, quando, não desistindo, ***Spínola*** e os seus homens tentaram executar o tal projecto de poder pessoal: ***noite de 25 de Abril, quando, com tudo resolvido, Spinola tenta anular a existência do Programa do MFA; 13 de Junho na Manutenção Militar, naquilo que daria início ao chamado Golpe Palma Carlos; cinco ameaças de renúncia de Spinola, depois desses acontecimentos; 28 de Setembro, com a chamada maioria silenciosa, que o leva efectivamente à resignação de Presidente da República; 11 de Março, que o leva à fuga e ao exílio***.

Seja-me permitido, aqui e agora, falar em nome do ***Movimento e dos seus elementos***: Passados 23 anos, não nos move qualquer intenção de reeditar polémicas, não pretendemos armar em ***puros***, por muita honra que esse epíteto, que nos foi colocado pelos autodenominados ***espúrios***, nos mereça. Todos, e cada um (***puros e espúrios***), tivemos o nosso papel. Uns melhores, outros piores, uns mais desinteressados, outros mais calculistas, todos fizemos o melhor que soubemos, pudemos ou nos deixaram fazer...

O 25 de Abril foi certamente o resultado da acção de muitos, não só dos militares do Movimento – dos Capitães, MOFA, MFA – mas também de muitos outros cidadãos que, através da sua luta, criaram condições que aqueles souberam aproveitar. Estando, porventura, aí o seu maior mérito.

O ***25 de Abril*** foi certamente o resultado da acção de muitos, não só dos militares do ***Movimento – dos Capitães, MOFA, MFA*** – mas também de muitos outros cidadãos que, através da sua luta, criaram condições que aqueles souberam aproveitar. Estando, porventura, aí o seu maior mérito.

O ***25 de Abril*** é, definitivamente uma das datas principais da História de Portugal. Como seus actores principais, não pretendemos exclusividade e, desde logo, declarámos que ele ***não tem dono***. Mas continuamos a ter muito orgulho e muita honra em ter contribuído, de forma decisiva, para que ele se realizasse.

Como a maioria das unidades do Exército – mesmo com o risco de esquecer alguma, recordo ***EPI, EPC, EPA, EPE, EPAM, EPT, BC 5, RI 14, RI 10, RE 1, RAP 2, RAP 3, RC 3, CTSC, CIOE, CICA 2, Ccaç 4271 e 4246, RC 6, RI 8, RI 12, RI 13*** – deveriam ter no seu estandarte as insígnias da ***Ordem da Liberdade***, para que os seus militares se pudessem mirar no orgulho que outros tiveram em, pertencendo a elas, ter colaborado activamente para o fim do fascismo – colonialismo em Portugal e a abertura das portas à ***Liberdade e à Democracia***.

Por isso, não podemos permitir que, de vez em quando, alguns tentem lançar dúvidas sobre a natureza da nossa participação. Por nós, tentaremos não nos pôr em ***bicos de pés***, mas gostaríamos que outros o não fizessem, e muito menos gostaríamos que não tentassem obscurecer a nossa acção.

Maio 97

Vasco Lourenço

FUTURO IGUAL A EXTINÇÃO?

"Uma nova política económica (...)"
"Uma nova política social (...)"
In: PROGRAMA do Movimento das F.As

Retomando o desafio colocado na última Assembleia Geral pelo associado fundador David Martelo, eu diria que em termos de futuro, tendo em conta o passado histórico de há vinte e três anos e o presente social e humano das classes para quem a revolução teve lugar em primeira análise: *as mais desfavorecidas*, a questão a colocar não é tanto a extinção da Associação que nos deve preocupar, mas sim questionar, esgrimir, interrogar, se o seu desempenho cívico tem correspondido à *IMAGEM* que os tais cidadãos têm dela. Isto é, se como organização essencialmente de militares de Abril, logo responsáveis por mil e uma promessas de futuro, tem correspondido às expectativas ou frustrado o crédito de prestígio que a acção revolucionária grangeou.

Se há vozes que se levantam contra quem pretende reescrever essa mesma História, então, que não sejam os militares de Abril, dos mais agaloados aos das divisas do fim da escala, a oferecer-lhes as páginas em branco da sua desistência.

Forçando a nota e com intuitos polémicos, saudavelmente polémicos, insisto na tese das diferenças inicialmente possíveis entre *Movimento de Capitães* e *Movimento das Forças Armadas* pois aí residirá, em minha opinião, um sem-número de justificações para o suposto divórcio actual entre a Associação e os restantes militares que alguns de nós dão como facto consumado, irreversível. Pessoalmente, não interessa puxar a *brasa à segunda sardinha* apesar de a ter ajudado a pescar no mar encapelado da resistência anti-fascista, como muitos outros camaradas meus o fizeram, ao lado de igual número de praças e de outros oficiais, nos anos em que o desabrochar para as interrogações sobre as coisas sociais, internas e externas, era necessário, num outro contexto, é certo, mas, se calhar, com poucas dissemelhanças das que hoje se colocam. Se descermos do *Olimpo* dos deuses e regressarmos à terra dos mortais, se recusarmos o *néctar e a ambrosia* que as *ninfas* do poder nos queiram dar a beber, encontraremos razões de sobra e muito espaço para continuar. Enfim, encontraremos o maior dos espaços possíveis que é o palco da História portuguesa. Se há vozes que se levantam contra quem pretende reescrever essa mesma História, então, que não sejam os militares de Abril, dos mais agaloados aos das divisas do fim da escala, a oferecer-lhes as páginas em branco da sua desistência, o fechar de bocas e consciências que a realidade social envolvente não justifica e a justeza de princípios não pode aceitar.

A maioria da população tem da Associação a IMAGEM de uma organização que ainda representa os seus ideais de futuro.

Ainda sobre as possíveis justificações para a fraca aderência de novos associados, coloco aqui, na mesa da discussão, as três interrogações que me ocorrem com frequência:

- Se o problema é de números, então por que razão a acção militar desencadeada pelos jovens oficiais teve uma adesão tão imediata e tão grande por parte dos outros militares?

- Não seria por que os seus objectivos programáticos; as suas razões, profissionais e ideológicas, para derrubar o regime; o horror à guerra e o amor pela liberdade, eram pertença, também, do maior número de militares das três classes?

- Não é um dever da Associação fazer ouvir a sua voz, mesmo que ela faça doer ou somente incomode, por cada atropelo ou não cumprimento da democracia prometida?

As revoluções que a memória regista foram desencadeadas, quase sempre, por acções de minorias. As vencedoras, foram-no porque eram justas e interpretaram os interesses das maiorias, que se assumiram como suas e confiaram nos seus dirigentes. Embora se possa considerar que a revolução de Abril se ficou pela metade, razão suficiente para justificar a recuperação política, económica, social e cultural, de muitos valores de antanho, a que ainda hoje assistimos, também ela mereceu o ilimitado grau de carinho e apoio populares, sentimentos que os militares da Associação 25 de Abril não devem arrumar na mochila do desinteresse.

Ao contrário do que se possa argumentar: discursos do poder, encontros de salão, conversas de casino, sondagens até, etecetera e tal, a maioria da população tem da Associação a *IMAGEM* de uma organização que ainda representa os seus ideais de futuro. Se descermos do primeiro andar do edifício das aparências para o chão raso das realidades veremos que isto é verdade!

Nas escolas, nos campos, nos escritórios, nas esquinas das ruas, nos desempregados, nas mãos estendidas dos pedintes e demais desalojados, nos intelectuais sem compromissos de lesa independência, nas pessoas justas, veremos que assim é. Faça-se um estudo das razões de ser e das origens dos inúmeros convites que chegam à Associação para se fazer representar, nomeadamente em Abril, e chegaremos a conclusões que apontam para outras áreas de actividade que não sejam somente as do debate estrutural ou as comemorações da *REVOLUÇÃO*.

Tudo o que aqui fica pode parecer heresia ou simples romantismo! As minorias que hoje se passeiam pelo poder e pela abastança ou, simplesmente, beneficiam do estade de coisas, dirão que sim e com a ajuda do seu vasto arsenal de promessas e, ou, acusações. Os que acima se nomearam dirão o contrário.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

É verdade que a Constituição diz que o regime é democrático! Porém, olhando para a realidade nua e crua das políticas actuais, neo-liberais e outras que tais, as velhas receitas baptizadas de novas, geradoras no passado de revoluções dolorosas e hoje a caminho de o serem, há que perguntar se a nossa democracia se esgota no exercício do voto, de tantos em tantos anos. E se não é de questionar também que o regime democrático, tal como o defendem os regressados do 24 de Abril e sua descendência, acentua em cada dia que passa o fosso das desigualdades, com muito pouco de social ou em favor da *população até agora mais desfavorecida* – tal e qual como o *PROGRAMA* prometia.

- Os tempos são outros.
- Os estatutos limitam.

Mas estas duas questões, apesar de pertinentes, serão mesmo duas verdades irrefutáveis, responsáveis pela passividade cívica da Associação, até mesmo da sua extinção? A desculpa certa para calar o que urge discutir à luz do dia, silenciar a voz de quem tem a dupla responsabilidade de intervir? Uma voz com razão, uma que seja, emotiva ou reflectida, deve até pregar no deserto, mesmo que lhe doa!

Muito bem! Se é lícito perguntar quantos militares pós-25 de Abril se inscreveram na Associação, há que questionar, construtivamente, se eles se revêem nas actividades que ela desenvolve.

Do Art.º 3.º dos Estatutos invoco duas alíneas à sombra das quais é possível trabalhar:

- A divulgação do espírito libertador do 25 de Abril.
- A pedagogia dos valores democráticos.

Invoco duas alíneas à sombra das quais é possível trabalhar:

- A divulgação do espírito libertador do 25 de Abril.

- A pedagogia dos valores democráticos.

Em meu juízo de valores, estas duas frases não são retórica vazia. Têm o conteúdo que as vontades lhe queiram dar, reflectem a amplitude onde a Associação se pode mover.

Em meu juízo de valores, estas duas frases não são retórica vazia. Têm o conteúdo que as vontades lhe queiram dar, reflectem a amplitude onde a Associação se pode mover, sendo certo que, para além de todas as regras e condicionantes, o seu espaço é aquele que os militares de Abril quiserem, sempre e sempre com a amplitude dos inúmeros cidadãos que lhes batem palmas e lhes bebem as palavras, sem cuidar se são ou não de esquerda.

25 de Abril de 1997
Vaza Pinheiro

A HECATOMBE

É mais fácil criticar factos passados do que prevê-los. A partir dessa facilidade, o que vai seguir-se deve ser tomado como uma reflexão, talvez em jeito de exercício académico, e nada mais. Mesmo assim a suscitar forte contestação embora, quem sabe?, talvez também a benévola aquiescência de algum raro leitor com paciência para seguir caminho até ao fim.

Eis o tema: Os regimes socialistas dos países sob influência soviética caíram por ter fraquejado o do Estado patrono e importa saber por que razão este claudicou.

O objectivo estratégico de Lenine, divisado em "O Estado e a Revolução" foi a antevisão da sociedade comunista do futuro que seria precedida pela construção de um estado socialista. Construção cuja dificuldade aumentou na medida em que Stalin, seu sucessor – ao contrário do que pretendia Trotsky – a tentou levar a cabo no só país cercado por países capitalistas inimigos. Isto explica, em larga medida mas não totalmente, o seu despotismo, a prepotência com que governou o partido e conduziu os negócios do estado soviético, chamando a si todos os poderes, a eliminação física dos que, á direita e à esquerda, cria serem seus inimigos, a depuração do Exército Vermelho, a extinção da NEP, a perseguição da burguesia camponesa – os **Kulak** – a transferência forçada de populações, as deportações, etc., etc., etc. O facto é que ele consolidou o socialismo na imensidão da URSS, ou, mais precisamente, "aquele" socialismo, o socialismo que foi possível construir com os meios a que julgou indispensável deitar mão nas condições objectivas de então. Tarefa imperfeita, inacabada, que Khruchtchev tentou, a seu modo e segundo o seu entendimento, reconduzir aos princípios leninistas. Tal empresa passava pela ultrapassagem da economia capitalista mais desenvolvida ao mesmo tempo que, obviamente, marcaria a superioridade do sistema socialista.

Os regimes socialistas dos países sob influência soviética caíram por ter fraquejado o do Estado patrono e importa saber por que razão este claudicou.

No entanto, tal desiderato implicava o domínio absoluto da economia planificada o que, pelo menos em teoria, não era tarefa impossível. Os exemplos recolhidos nos anos 20, 30, 40, 50 e, até, 60, eram encorajadores. Na verdade, a URSS, apesar dos enormes desgastes humanos e materiais que a invasão alemã de 41 tinha causado, tornara-se a primeira potência produtora de muitas matérias primas e artigos manufacturados, desenvolvera uma pléiade de cientistas e intelectuais de primeira água, criara, em alguns domínios, uma tecnologia de ponta e sob o ponto de vista militar era uma verdadeira superpotência que nem mesmo os Estados Unidos se atreveriam a desafiar.

Mais, o produto interno bruto subia. Os números do PCUS ("A URSS em Números para 1975" e a "Time" de 23.6.80) coincidiam; as dores de cabeça na Casa Branca, na CIA e no Pentágono, com certeza aumentavam.

Ora, se a este conjunto fossem somadas as regalias sociais de que a população beneficiava, as vitórias alcançadas no desporto e na exploração espacial e as realizações noutras áreas – como na arte e na ciência (estas a carecerem porventura de maior atenção) – a URSS justificaria – justificava por certo – a admiração que a

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

Ocidente muitos lhe votavam, o papel referencial que constituia aos olhos dos povos do Terceiro Mundo e o respeito dos adversários. Por isso mesmo, ganhara um peso político e uma influência diplomática só igualados pelos dos Estados Unidos. O "milagre" fôra feito em escassas décadas.

Porém, como a Lua, a URSS tinha também uma face sombria. Vejamos:

– A incapacidade de, internamente, neutralizar a eficácia da propaganda capitalista que contrastava o **charme** da sociedade burguesa com a deliberada opacidade da sociedade socialista;

– A falta de democraticidade. Após o aniquilamento da burguesia como classe possidente e dominante – uma das fases muito violentas (senão a mais violenta) da revolução socialista – esperar-se-ia que a nova composição social da sociedade soviética – proletários, camponeses e intelectuais – tivesse, por persistirem algumas contradições no seu seio, a representatividade que por direito lhe cabia. A cada classe, portanto, devia corresponder um partido político. (Stalin chegara a aventar a hipótese do surgimento de um partido agrário). Seria, talvez, a criação da democracia socialista de que tantos agora falam mas ninguém sabe exactamente o que é. Em vez disso, em parte face ao receio do perigo vindo do exterior, reforçou-se um só partido – o PCUS – que, propondo-se agrupar no seu interior os interesses das três classes para resolver inevitáveis contradições, tornando-se mais fácil de controlar a partir da cúpula, gerou uma elite. Do cenário assim criado resultaram duas novas classes: a dos membros do partido e a dos "outros". Aquela, de dirigente passou também a dominante. Inevitavelmente. Inevitável também foi o seu isolamento em relação às "massas";

– Ainda inevitável foi a falta de protagonismo destas quando, de acordo com os cânones, se esperaria que seriam elas o suporte do gigantesco processo da transformação de uma sociedade que tinha o comunismo por meta;

Resultaram duas novas classes: a dos membros do partido e a dos "outros". Aquela, de dirigente passou também a dominante. Inevitavelmente. Inevitável também foi o seu isolamento em relação às "massas".

– Este fenómeno ilustra-se através de Stalin que censurou Plekhánov (o teórico marxista tornado menchevique, crítico da revolução de 17 por defender que a mudança da sociedade russa teria necessariamente de passar por uma fase capitalista) pelo seu afastamento das massas tendo, ele próprio, caído em idêntico pecado não obstante o branqueamento que a propaganda oficial fazia da sua imagem. Quando ele morreu de embolia cerebral, em Março de 1953, todos se calaram. Num estado de maioria eslava, sentimental por herança genética e tradição, ninguém o chorou.

– O desenvolvimento da chamada "guerra fria", conflito de novo tipo em que, contra os seus próprios interesses, a URSS se deixou envolver a favor dos USA. É que as despesas militares subiram a 18% do PIB em 1985 enquanto que as dos Estados Unidos, cujo produto era então consideravelmente superior ao da União Soviética, apresentavam um número muito inferior – 6% – a que acrescia a vantagem suplementar dos lucros obtidos pelos fabricantes privados de material de guerra retornarem ao circuito económico para financiar despesas de consumo e investimento;

– Por isso os Estados Unidos agudizaram a guerra fria obrigando a União Soviética a um esforço permanente de **aggiornamento**, incontestávelmente desgastante. Assim, não foi por acaso que a nação americana foi a primeira a desenvolver a bomba atómica, de hidrogénio e de neutrões, o submarino atómico, etc. e a impulsionar a criação da NATO, da CENTO, da ANZUS e da OTASE, antes dos Soviéticos terem criado o Pacto de Varsóvia, em Maio de 1955;

O que designavam por "capital mais precioso" – o homem – na forja desde 17, saía sempre com defeitos de fabrico.

– Os esforços, quer para apoiar, quer até para fomentar revoluções de cariz popular contra governos burgueses reaccionários em todo o mundo, teria sido uma atitude "política e estrategicamente correcta", caso a economia soviética fosse de tal modo desenvolvida que os permitisse, sem comprometer o seu progresso, a reclamar inovação e rapidez, sem o que a ultrapassagem dos países capitalistas desenvolvidos seria impossível. Tais esforços, ao contrário, estimularam a guerra fria que, como se viu, serviam os interesses dos USA desservindo os da URSS.

– O combustível do sistema capitalista – o lucro – desde há quase 500 anos, continua, como sangue, a cumprir a sua função vital. Foi assim no tempo da liteira e do arcabuz, assim é no da internet e da pesquisa do espaço. A URSS não o aboliu. Simplesmente transferiu-o das mãos dos banqueiros e empresários para as do Estado, muito menos gananciosas. Por isso, a marcha da economia necessitava de novas e mais fortes motivações a que os trabalhadores se encarregariam de dar tradução prática. Heróis do trabalho, heróis da URSS, **stakhanovismo**, Sábados Vermelhos tinham sido algumas das soluções encontradas a que, ultimamente, se tinham acrescentado alguns estímulos pecuniários. Em vão. O **élan** desenvolvimentista de décadas anteriores desaparecera. No seu lugar instalara-se o desinteresse e a rotina. O fosso entre a economia da URSS e a dos países capitalistas, em vez de estreitar-se, alargara. Porquê?

– Por não se terem dado conta de um quadro englobando as situações descritas, os responsáveis soviéticos falharam. E falharam também por não se aperceberem de que o que designavam por "capital mais precioso" – o homem – na forja desde 17, saía sempre com defeitos de fabrico. Na verdade dos anos 80, ele era ainda demasiado novo para estar à altura das responsabilidades históricas que lhe diziam ser as suas e excessivamente velho para se desligar dos fantasmas do passado. Falhou também.

Deste duplo falhanço resultou a estagnação em vários níveis (salvo no militar, no desportivo e no da pesquisa espacial, estes últimos por motivos propagandísticos, aquele por imposição do clima de "guerra fria") de um estado que imperativamente deveria ser dinâmico e inovador, que Gorbatchov – na esteira falhada de Kruchtchev procurou corrigir. Apressado, sem ter em conta as condições objectivas e subjectivas do momento, sem procurar criar **lobbies** de suporte nas altas esferas do poder político e das forças armadas, nem bases de apoio nas camadas trabalhadoras, tão desajeitadamente o fez que tudo se esboroou. Em 17, tinham sido precisos dez dias para abalar o mundo. Em 91 uma noite bastou para fazer explodir a União Soviética.

Eduardo Camacho
Sócio 2564

DESENCANTO E NOJO

Aqueles que, como eu, foram suficientemente estúpidos e ingénuos para acreditarem que o 25 de Abril traria a Portugal uma democracia de cristalina transparência sentem-se hoje profundamente defraudados e desencantados.

Após o tripidante período do PREC, num ritmo alucinante de traiçoeiros golpes e contragolpes para conquista do poder, entrou-se na chamada democracia estabilizada. Os políticos tomaram conta do país e a degradação moral, o compadrio e a corrupção foram alastrando.

Atingiu-se rapidamente um estado de absoluta perversão social e ideológica, subvertendo por completo os valores tradicionais portugueses substituindo-os pelo oportunismo e pela ganância desenfreados.

Os exemplos desta evolução decadentista são tão numerosos e variados que é absolutamente impossível referenciar todos. Mas podemos recordar a forma acintosa como foi extinto o Conselho da Revolução; o sinuoso percurso de um celebrado político que, apesar de um total desprezo pela coerência, pela ética e pela verticalidade, atingiu a Presidência da República; o renascer de um salazarismo mitigado em que o endeusamento do chefe foi a base de uma vivência de vários anos; a transformação do dinheiro e do poder em valores supremos do mundo.

E como esquecer a sórdida hipocrisia dos meios católicos que, perante o problema do aborto, defendem intransigentemente a inviolabilidade da vida humana mas mantêm no seu catecismo de 1992 (correspondente à única revisão global feita desde o Concílio de Trento, em 1563) a aceitação da pena de morte e a defesa da guerra justa sem nunca definir o que é uma guerra justa e a quem cabe decidir da sua justiça ou injustiça?

Como admitir a autêntica burla que consiste em apresentar ao sufrágio popular listas partidárias cujas principais figuras acabam sempre por ser substituídas por nomes secundários e quase desconhecidos? Depois vêm alardear grandes preocupações com a aproximação dos Deputados aos eleitores, tentando fazer esquecer que são as cúpulas dos Partidos que põem e dispõem através de uma abjecta disciplina de voto que deixa a Assembleia da República sem autonomia e sem vontade própria.

Tem-se vindo, também, a assistir a uma degradação e a uma desvirtuação cada vez mais acentuadas das Forças Armadas, desprezando e aviltando os valores morais que constituem a sua essência e transformando os militares em meros

São as cúpulas dos Partidos que põem e dispõem através de uma abjecta disciplina de voto que deixa a Assembleia da República sem autonomia e sem vontade própria.

funcionários públicos perante a criminosa passividade das altas chefias, incapazes de reagir com dignidade e frontalidade à inépcia politiqueira dos governantes.

Vai impor-se ao país uma revisão constitucional cozinhada por três ou quatro elementos, sem audição e colaboração não só de outras vertentes políticas mas também dos próprios Deputados dos Partidos intervenientes. Que democracia é esta em que as grandes preocupações são o reduzir cada vez mais os poderes do Presidente da República, eliminar o serviço militar obrigatório e alargar a massa eleitoral com objectivos puramente partidários e não de unificação nacional?

– Quando se julgam e condenam como autores morais de crime de sangue fundadores e mentores das FP-25 e se deixam na mais absoluta impunidade os fundadores e mentores do MDLP, num impúdico branqueamento dos assassinatos cometidos;

– Quando, havendo dois Marechais, um Presidente da República entrega solenemente o bastão a um deles mas recusa igual procedimento em relação ao outro, deixando-se assim influenciar por cumplicidades há muito conhecidas mas de recente divulgação pública;

– Quando se aceita pacificamente o treslocado e desbocado procedimento de um importante político que abusa desmesuradamente da sua imunidade;

– Quando uma pseudo-justiça absolve um governante do Oriente condenando, porém, os seus cúmplices em proclamadas negociatas;

– Quando essa mesma justiça não acciona criminalmente os responsáveis pelo escândalo mortal dos hemofílicos, embora reconheça que houve negligência grave que, todavia, não é considerada dolosa;

– Quando, perante a impassibilidade da Assembleia da República, vemos os eleitos do povo utilizarem os seus créditos de viagem em passeatas familiares e apropriarem-se de importâncias a que não têm direito;

– Quando, qualquer que seja o Partido no poder, se assiste a uma manipulação despudorada da comunicação social;

– Quando se pretende reduzir o número de Deputados sem garantir a devida representatividade dos Partidos menores criando, assim, uma bipolarização artificial;

– Quando, sem nunca haverem sido explicados devidamente os objectivos e as vantagens da Expo 98, se deixam passar impunemente e sem responsabilização conclusiva sucessivas derrapagens financeiras que acabam por recair sobre o contribuinte;

– Quando a um qualquer trabalhador se exigem 65 anos para ter direito à reforma mas qualquer Deputado com 8 anos de função a alcança comodamente;

– Quando se vê o Governo, sem a mínima fundamentação legal, avalizar empréstimos a uma central sindical em aparente recompensa por ela haver assinado o acordo de concertação social e ultrapassando as graves acusações de burla que sobre ela impendem;

– Quando o interesse pessoal, partidário ou de grupo se sobrepõe ao interesse nacional;

– Quando os problemas da justiça social, da educação e da saúde se arrastam permanentemente ao longo dos anos sem que para eles se arranjem soluções minimamente aceitáveis e credíveis;

– Quando se está perante uma absoluta desvirtuação partidária em que ao imobilismo estático de uns se opõem actuações que nada têm a ver com o socialismo democrático, com a social-democracia e com a democracia cristã, atributos teóricos de grandes Partidos portugueses;

Cabe perguntar, com amargura e preocupação: Para onde vai o que resta de uma Democracia sonhada com idealismo e isenção naquela manhã luminosa de há vinte e três anos?

Para onde vai o que resta de uma Democracia sonhada com idealismo e isenção naquela manhã luminosa de há vinte e três anos?

Com um doloroso e profundo desencanto, eu sinto nojo do que se vem passando no meu país.

Não foi para isto que me empenhei no 25 de Abril!

Não foi para isto que arrisquei a liberdade e a vida!

Por que mataram a minha Utopia?

Nuno Fisher Lopes Pires

É na Cultura que Nasce o Credo do Verdadeiro Escritor

Na nossa actividade de Escritor renunciamos muitas vezes aquilo a que se pode chamar o complexo de arrogância Social; compreendemos ou estamos a aprender a compreender que uma literatura séria, de valor, não é, longe disso, uma literatura favorável à nossa experiência e ao nosso sistema axiológico. A tomada de consciência deste facto não foi nada fácil e alegramo-nos bastante que isso tenha acontecido.

Mas, de um modo geral,podemos nós ser indiferentes à atitude do Escritor aos conceitos como Guerra e Paz, liberdade e escravidão espiritual, dignidade e opróbio, progresso e estagnação Social?

E podemos ignorar tudo isto ao formarmos um sistema de critérios críticos, ou, para usar uma linguagem mais pragmática, ao compilarmos um plano editorial?

Em suma, trata-se da plantaforma civil, Política e Filosófica do Escritor, da "Plantaforma Do Artista".

Mas o que é isto? Como se traduz esta Plantaforma? Estas questões só podem parecer académicas à primeira vista. Na verdade, são extremamente actuais. Mas como me parece, este é um ponto ainda por esclarecer.

Muitas vezes foge-se a este problema enquanto surge todo um sistema de avaliações metafóricas. Diz-se, por exemplo, um talento rígido. Esta definição pode ser aplicada, sem risco de erro, praticamente a qualquer Escritor conhecido da Modernidade. Este eufemismo não se deve, como é evidente, aos aspectos positivos da nossa vida. Mas isto ajuda o público Leitor a conhecer uma série de Escritores de renome Mundial. Podemos compreender melhor mas isto não nos leva à essência da questão.

Por outro lado, ao se polémisar com as críticas emocionais propõe-se que retomemos a metodologia sociológica vulgar, ainda que sem os seus extremos. Façamos uma descrição exacta do fenómeno! É um bom apelo mas, o que quer dizer "exacto"? Em que devemos basear-nos ao determinarmos a plantaforma do Artista, sem cairmos em eclectismo ou encantamentos?

Quem é o autor destas palavras que ferem os ouvidos e o Coração dos Leitores ? A única escola Literária de que quero fazer parte é a do Humanitarismo.

O Escritor deve inculcar no Homem o sentimento de que este pode ser melhor do que é. Se na verdade o Escritor persegue um objectivo, então, este não pode ser outra coisa senão melhorar um pouco o Mundo.

Quem é o autor destas palavras orgulhosas e solenes que reforçam o espírito?

Numa palavra, a palavra plantaforma do Escritor é uma plantaforma Artística. E só se exprime por uma única via – pelo Mundo que ela cria.

Se se trata de um verdadeiro Artista, este Mundo é mais amplo e mais profundo daquele que o rodeia. O Mundo que está encadernado possui independência, facto que por vezes se ignora. O Escritor não considera a sua Obra um meio. Ela é um objectivo em si; ele não é um meio, nem para os outros, é nela que o Escritor sacrifica quando necessário, a sua existência pessoal. Como um pregador religioso, embora num sentido diferente.

Voltamo-nos de Bom Grado aquelas palavras sobre a relação entre a actividade material e espiritual dos Homens mas não citamos frequentemente as palavras que eu acabo de citar. Claro que não apelo ao estabelecimento do equilíbrio nas citações. Parece-me que estas palavras são uma séria Lição metodológica – e também ética – em relação à Arte. Uma Lição útil para todos: Críticos e Leitores.

A CULTURA É A RAIZ DA SOCIEDADE MODERNA

A Arte e a Nova Cultura,
São uma fonte de água-pura,
Aonde os Povos vão beber,
As Lições de Prosa e Poesia,
Para que sintam a alegria,
Do que aprendem a conhecer.

A Cultura é como uma chave;
É como a Bússola duma Nave,
Que orienta a Navegação,
Num Mar imenso e profundo,
Em busca de um Novo Mundo,
Aonde reine a pura Razão.

A Razão é a flor da Cultura,
A que define a Nova moldura,
E a renova de pura qualidade,
Para que à Luz da Nova visão,
Mantenha a viva projecção,
Da Paz e da pura Amizade.

A GLÓRIA DUM POVO QUE SABE LUTAR

Já a escura noite madrugava.
Enquando o rouxinól cantava,
Alvorecendo a pura Luz do dia,
Quando a voz pura e serena,
De Grandola vila Morena,
Despertava o Povo que Dormia.

Para que as forças da Razão,
Tivessem uma nova Visão,
Da Paz e da pura Amizade,
Que rege a vida dos Povos,
Abrindo caminhos Novos,
Plenos de pura Felicidade.

Para que tivessem a noção,
De que à pura Luz da Razão,
Se registou a maior Glória,
Dum Povo que sabe lutar,
Para que podessem renovar,
As páginas da nossa História.

A GUERRA E A PAZ E AS PURAS LEIS DE JESUS

Procurei lançar sobre a Terra,
As mais vivas sementes da Paz,
Para que vissem se eram capaz,
De nascerem sobre a guerra.

Para que as vivas esperanças,
Se tornassem uma realidade,
Para que á sombra da Amizade,
Podesse abrigar as Crianças.

Para que a viva realidade,
Deste sonho tão profundo,
Iluminasse um Novo Mundo,
A Luz da Paz e da Amizade.

O AMOR É UMA CHAMA QUE ARDE MAS NÃO QUEIMA

O Amor é a Razão querida,
Que temos ao nosso despor,
Para que ao seu calor,
Se possa aquecer a Vida.

Para que a Paz e a Amizade,
Sejam a Luz da pura alegria,
Que ilumine de noite e dia,
Os caminhos da felicidade.

Para que ao calor da chama,
Que arde mas não queima,
Se cicatrenda a viva ferida,
Que dói mas não se sente,
Mas que agasalha a gente,
Nos momentos difíceis da Vida.

Filipe Viegas Aleixo

VIRIATO CAMILO

Conheci-o melhor em 1989, quando ambos integrámos a Comissão Organizadora das Comemorações do XV Aniversário do 25 de Abril. Depois fomos companheiros em dois elencos directivos da Associação e novamente nos juntámos na preparação das comemorações dos XX anos da Revolução Cravos.

Desde o primeiro contacto a sua personalidade me cativou. Homem calmo, extremamente ponderado mas determinado nos seus objectivos, o Viriato vivia com entusiasmo tudo aquilo a que se dedicava. Da sua cabeça vieram ideias magníficas e espectaculares, algumas das quais o desinteresse de possíveis entidades patrocinadoras e da própria Associação acabou por tornar inviáveis. A seu lado, e em perfeita comunhão de intenções , assisti à eliminação de festivais de teatro, de concertos de música clássica, de documentários históricos, etc.. Tudo o Viriato acatou sem revolta mas com desgosto.

Tenaz resistente anti-fascista, sentiu na carne e na alma as agruras da perseguição política e da prisão. Nada, porém, o fez desistir do seu anseio de liberdade e de democracia.

Amigo e admirador de Fernando Lopes Graça, com ele partilhou bons e maus momentos. Possuidor de vastíssima cultura, abarcava com a mesma facilidade o teatro, a literatura, o cinema e o campo musical, tendo sido elemento destacado da Academia dos Amadores de Música.

Era uma personalidade interessantíssima, polifacetada, que sempre soube manter-se igual a si mesma, num posicionamento coerente perante as suas ideias e os seus projectos. Duma simplicidade e duma modéstia admiráveis, agia em tudo com perfeita noção do companheirismo e da solidariedade sem nunca regatear o seu esforço e a sua dedicação.

Há tempos soube que o Viriato estava doente e fora operado. Debatia-me, então, com uma gravíssima crise de saúde que me levou às portas do estado de coma. Quando, em Março, a situação se equilibrou inúmeras vezes pensei em lhe telefonar. Mas não o fiz. Tive medo de que as notícias não fossem as que eu desejava sinceramente. Esta minha cobardia impediu-me de lhe dar um último abraço, o abraço de um amigo e de um admirador. Penitencio-me por isso.

Agora tudo acabou. Curvo-me, respeitosa e comovidamente, perante a memória do Viriato Camilo, um Homem que soube sonhar, que soube teimar e que acreditou firmemente naquilo que fazia e naquilo por que lutou.

Havemos, ainda, de nos voltar a encontrar.

Nuno Fisher Lopes Pires

Com este exemplar do boletim já no prelo, fomos surpreendidos com a triste informação do falecimento do Viriato Camilo.

Apesar de não constituir grande surpresa, dado o nosso conhecimento da situação muito precária que a saúde do Viriato atravessava, não deixámos de sentir um profundo golpe, daqueles que nos atingem quando perdemos um amigo que estimamos.

Homem de Abril, velho lutador antifascista, o Viriato Camilo foi desde as primeiras horas um dos maiores militantes civis da Associação 25 de Abril. Militância que o levaria a aceitar o meu convite para a Direcção da nossa Associação, tornando-se assim um dos dois primeiros civis a integrar os corpos gerentes da mesma.

Durante os seus dois mandatos, pude conhecer melhor o Viriato, estimá-lo e considerá-lo. Apesar de alguns problemas graves que a saúde de uma das filhas lhe criava, sempre o Camilo continuou a prestar um contributo inestimável em muitas das nossas actividades culturais. Apenas lamentando, como todos nós, que as nossas enormes dificuldades de natureza financeira e falta de apoios oficiais, nos não permitissem a realização de muitas das iniciativas ambicionadas.

Nunca desistiu e apenas a doença o obrigou a retirar-se, deixando um vazio que não é nada fácil de preencher.

A Direcção evoca, nas páginas de O Referencial o cidadão, casapiano ilustre, antifascista de sempre, civil de Abril, que continuará connosco. Por isso – para além do testemunho que pedimos ao Fisher Lopes Pires – esta pequena, mas sentida, homenagem dos amigos que o recordam com saudade.

Vasco Lourenço

A A25A NA INTERNET

Desde 25 ABR97 que a A25A tem um site INTERNET, proporcionando um link para o Centro de Documentação 25 de Abril.

Está a Direcção empenhada em melhorar progressivamente o conteúdo deste site, para o que já se equipou devidamente.

Em breve lá teremos O REFERENCIAL, a nossa galeria de vendas de medalhas e outras obras de arte, fichas de inscrição on-line, e outras informações de interesse

http: // www.a-25a.ip.pt

Mensagem dirigida ao Presidente da Liga dos Amigos do Museu Militar do Porto, por ocasião da Homenagem ao Coronel Helder Ribeiro

Ao tomar conhecimento da homenagem que decidiram prestar ao ilustre cidadão e militar, ***Coronel HELDER RIBEIRO***, decidimos felicitar-vos por essa iniciativa e associarmo-nos à mesma.

Grande lutador pelas Liberdades, Helder Ribeiro pôde demonstrá-lo no terreno, na prática, sendo indubitavelmente uma figura cimeira na luta pela implantação da República, em 5 de Outubro de 1910; na luta contra as tentativas monárquicas de restauracionismo; nos trabalhos da Assembleia Constituinte, de que foi deputado por várias vezes; no governo de Tete; nos governos da República, nas pastas da Guerra, da Instrução Pública e dos Negócios Estrangeiros, de que foi ministro.

Acção que, muito naturalmente, o viria a transformar num dos alvos a abater pelos autores do 28 de Maio de 1926 e o levaram à demissão de Oficial do Exército e à posterior reforma compulsiva.

Retaliado e perseguido, Helder Ribeiro continuaria a sua luta pela liberdade e pela democracia, seria figura cimeira do MUD em 1949 e apoiaria Norton de Matos e Humberto Delgado, nas respectivas candidaturas à Presidência da República.

Participante na I Guerra Mundial, no corpo expedicionário português à França, Helder Ribeiro foi um cidadão, um militar e um político exemplar e é bem merecedor das várias condecorações que lhe foram atribuídas, nomeadamente as Ordens da Torre e Espada e da Liberdade.

Como igualmente é merecedor da homenagem que hoje lhe está a ser prestada.

Porque a Associação 25 de Abril vê em Helder Ribeiro um militar de Abril, que muito lutou para que um "25 de Abril" fosse possível em Portugal, não tendo a felicidade de a ele assistir em vida, junta-se à justíssima homenagem que lhe é prestada, curvando-se perante a sua memória de português ilustre.

A
Pedro Bacelar de Vasconcelos

Prezado amigo

Impossibilitado, à ultima hora, de estar presente, quero manifestar-lhe – em meu nome pessoal e no da Associação 25 de Abril, e através do presidente da sua Delegação Norte – a nossa solidariedade, o nosso apoio e a nossa enorme consideração pela acção que vem desenvolvendo, como Governador Civil e como cidadão, na defesa dos direitos humanos, nomeadamente nos recentes acontecimentos que envolveram a comunidade cigana.

O Portugal de Abril terá de ser um país onde a discriminação não tem lugar. País de emigrantes, Portugal terá de cultivar a solidariedade e saber compreender os outros povos que aqui procuram uma vida melhor e acolhê-los, como os portugueses gostam de ser acolhidos noutras paragens.

Por maiores razões, todos os portugueses terão de ter iguais direitos ou deveres, pertençam ou não a quaisquer minorias.

Por tudo isso, lhe renovamos, caro Pedro Bacelar de Vasconcelos, a nossa solidariedade e o felicitamos pela acção permanente em defesa de valores de Abril.

V.L.

CONVITES FEITOS À A25A

AMASCULTURA
Estreia da 36.° produção CDIAG/teatro Malaposta
"O Atroz flm de um sedutor"
-5-97

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA CIDADE DE ALMADA
Almoço-Homenagem ao Dr. José Malheiro
9-4-97

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ABRIL EM MAIO
Feira de Maio
9/10/11-5-97

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DO JARDIM DE INF ÂNCIA E ESCOLA DO 1.° CICLO DO ENSINO BÁSICO N.° 157
Descerramento de um Painel alusivo ao "25 de Abril"
1-6-97

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS
III Encontro Nacional do Sargento
21-6-97

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE MAFRA
Sessão Solene Comemorativa do 66.° Aniversário
-6-97

CÂMARA MUNICIPAL DE CHAVES
Sessão Solene de Boas-Vindas a Sua Excelência o Presidente da República
10-6-97

Almoço oferecido em honra de Sua Excelência o Presidente da República
10-6-97

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Exposição de pintura de Mário Silva
16-4-97

Exposição "A Guerra Colonial"
22-4-97

Colóquio "A importância de 74-75 para o movimento operário"
9-5-97

Colóquio "Não - A arte de trabalhar"
10-5-97

Colóquio "A defesa dos direitos conquistados"
12-5-97

Vídeo/documentário " Memória subversiva - História do Anarquismo e do Sindicalismo em Portugal - 1910-1974"
15-5-97

Colóquio "Os anos 70 e o futuro do movimento sindical"
16-5-97

Colóquio "A Luar"
17-5-97

Colóquio "Os ciganos em Portugal"
27-5-97

Colóquio "Como constituir uma Europa dos trabalhadores e dos povos como tratado de Maastrich?"
"Como garantir as conquistas do 25 de Abril com a Revisão Constitucional"
31-5-97

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
Seminário "Segurança pública, Integração Comunidades Étnicas e Imigrantes"
3/4-4-97

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO
Exposição de pintura de José Aurélio
5-4-97

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
Homenagem a todos os militares deste concelho, mortos na guerra do Ultramar
21-6-97

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
Inauguração da exposição de Medalha Contemporânea
23-4-97

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA
Exposição "Os escritores também pintam" de Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Joaquim Namorado e Mário Dionísio
16-5-97

CENTRO DOCUMENTAÇÃO AMILCAR CABRAL-CIDAC
Lançamento do livro "As ONG na política comunitária de cooperação para o desenvolvimento" de Maria Inês Alves
21-4-97

Encontro - ***Desenvolvimento e Poder Local nos Países da CPLP***
24-6-97

CLUBE DE PRAÇAS DA ARMADA
Exposição de fotografia "Olhares de Portugal" de Joaquim Figueiredo
10-5-97

CORRER COM O RACISMO
Apresentação pública da Corrida da Tolerância - Correr com o Racismo
28-4-97

CONVITES FEITOS À A25A *(Continuação)*

CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO - CPPC
Debate sobre O Alargamento da OTAN e a segurança da Europa
10-5-97

DORL DO PCP
Sessão-Debate
2-4-97

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO
Sessão solene comemorativa 73.° Aniversário
31-5-97

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE GINÁSTICA
Noite de Gala de PortugalGim
3-5-97

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TRAMPOLINS E DESPORTOS ACROBÁTICOS
Taça do Mundo de Trampolim
24-5-97

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES E EDITORIAL NOTÍCIAS
Lançamento do Livro "*A Transição Política em Espanha*"
16-6-97

GALERIA DE ARTE CAPITEL
Inauguração da exposição de Cristina Fragoso
12-4-97

Inauguração da exposição de pintura de Alberto José e de escultura de Antonieta Roque Gameiro
14-6-97

GALERIA QUADRADO AZUL
Inauguração da exposição de Isabel Silva
3-5-97

Inauguração da escultura e desenho de Robert Schard
7-5-97

GRAVURA
Exposição de pintura de Luís Tavares
8-5-97

HOTEL MERIDIAN
Exposição de pintura de Ernesto Neves e Luís Banazol
17-4-97

INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS - TORRE DO TOMBO
Inauguração da exposição "O Arquivo da PIDE/DGS"
24-4-97

INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO
Inauguração da exposição "Medalha Contemporânea"
19-4-97

JUNTA DE FREGUESIA DE LINDA-A-VELHA
Cerimónia de abertura das Festas de Linda-a-Velha - 6° Aniversário da elevação da Povoação a Vila
6-6-97

LIGA DOS AMIGOS DO MUSEU MILITAR DO PORTO
Debate sobre a 1.ª Grande Guerra
9-7-97

MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DAS MULHERES
Debate "A Revisão Constitucional e a Cidadania Feminina"
26-6-97

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Comício Internacional de Lisboa
24-5-97

O PÚBLICO/CÍRCULO DE LEITORES
Sessão de lançamento do livro "SOARES - O PRESIDENTE"
17-06-97

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
Apresentação do livro "Conta Corrente" de Manuel Alegre
15-5-97

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Lançamento do livro "O Filme de Bren" de Luís Vicente
20-5-97

SINDICATO DOS JORNALISTAS
Lançamento da Edição "FOTOJORNALISMO", anuário 96.
13-06-97

SINDICATO DOS TRABALHADORES AÉREOS E AEROTRANSPORTADOS - SITAVA
Exposição de fotografia "Terra" de Sebastião Salgado
4-97

TEATRO DE PORTALEGRE
Espectáculo "Emigrantes"
22-5-97

TEATRO DA CORNUCÓPIA
Espectáculo "Os sete Infantes"
19/29-6-97

UNIÃO DEMOCRÁTICA POPULAR
Colóquio sobre o Tema "Cidadania contra o neo-liberalismo"".
27-6-97

OFERTA FEITAS À A25A

LIVROS:

- **"Testemunho Vivo"**
  Oferta do autor José Valentim de Matos Prata
- **"O Exército Português na Fronteira do Futuro" de David Martelo**
  Oferta do autor
- **"Os Homens não tapam as Orelhas" de A. M. Galopim de Carvalho**
- **"Mandela Meu Prisioneiro Meu Amigo" de James Gregory**
- **"A Transição Política em Espanha" de Raúl Olorojo, Prefácio de Mário Soares**
- **"A Revolta dos Herdeiros" de Mário Ventura**
- **"Justiça Nazi" de Richard Lawrence Miller**
  Ofertas da Editorial Notícias

QUADROS:

- **Plantas Secas**
  Oferta do Núcleo de Toronto da A25A
- **Óleo de Rui Rodrigues**
  Oferta do autor

GALHARDETES:

- **Clube Atlético de Queluz**
- **Junta de Freguesia da Póvoa de Sto. Adrião**

DIVERSOS:

- **Medalha do Clube Desportivo de Casal Galego - Marinha Grande**
- **Medalhas Homenagem ao 25 de Abril de José João Brito**
  Oferta da Galeria 111, Manuel Brito
- **Serigrafia**
  Oferta da Galeria 111, Manuel Brito
- **Azulejo do 25 de Abril de 1997**
  Oferta da Junta de Freguesia de Venteira
- **Pianha em vidro**
  Oferta das Juntas de Freguesia da Ajuda, Alcântara, Campolide, Lapa, Prazeres, Sta. Isabel, Sto. Condestável e Santos-o-Velho
- **2 filmes de 8 mm sobre o dia 25 de Abril de 1974**
  Oferta do Arq.° José Carlos Ferreira de Almeida
- **Prato em barro pintado**
  Oferta da Escola E.B. Dr. José Santos Bessa da Vila da Carapinheira

ASSOCIADOS FALECIDOS

MANUEL DUARTE
Sócio efectivo n.° 1567

MARIA JOANA DIAS ESTEVES
Apoiante n.° 221

VIRIATO SOEIRO FERREIRA CAMILO
Sócio efectivo n.° 2276

A todos os seus familiares, as nossas sinceras e profundas condolências.

PAGUE AS QUOTAS

COLABORE COM A A25A

VAMOS APRENDER BRIDGE! (36)

Propomo-nos abordar, ao longo deste artigo, um novo capítulo que reputamos de muito interesse para quem se importa com coisas do bridge, quer porque entra em competições, quer porque possui um louvável sentido perfeccionista, mesmo quando joga a feijões com amigos.

Referimo-nos às REABERTURAS (RÊVEILS) que, contribuindo para a competitividade que caracteriza o bridge dos nossos dias, têm regras bem definidas de utilização e que, obviamente, importa conhecer, seguir e respeitar.

- AS REABERTURAS

Diz-se que um jogador está em posição de reabrir um leilão sempre que o adversário à sua esquerda fez uma marcação a que se seguiram duas vozes de "Passo", proferidas pelo parceiro e pelo adversário da direita.

É óbvio que se o jogador nestas circunstâncias decidir passar, o leilão "morre" naturalmente. Mas se decidir fazer um anúncio diferente, não deixando "morrer" o leilão, diz-se que o jogador o "reabriu".

Eis dois exemplos de leilão em que o jogador em S terá que decidir se o vai ou não reabrir:

N	E	S	W
–	–	–	1 ♦
Passo	Passo	?	

N	E	S	W
–	1 ♥	Passo	2 ♥
Passo	Passo	?	

Nos exemplos anteriores estão materializadas as duas principais posições de reabertura:

- Abertura à sua esquerda seguida de duas vozes de "Passo";
- Leilão em que os 2 adversários falaram e que chega a si após duas vozes de "Passo".

Um leitor atento poderia, nesta altura e partindo do princípio de que os seus conhecimentos se circunscreviam à leitura dos nossos artigos, colocar a questão sobre uma eventual sobreposição de conceitos entre as INTERVENÇÕES e as REABERTURAS.

É facto que ambas as técnicas se reportam a vozes proferidas pela linha que **não** abriu o leilão, mas as coincidências ficam por aí, dado que as circunstâncias e os condicionalismos dos dois tipos de vozes são completamente diferentes, como iremos demonstrar.

As vozes de INTERVENÇÃO apresentam um muito maior grau de risco do que as de REABERTURA, porque são feitas, na maior parte dos casos, com um desconhecimento quase absoluto da força existente na linha contrária e com uma ignorância total da força de jogo do parceiro.

N	E	S	W
1 ♠	2 ♥	?	?

Ao intervir em 2 ♥, E desconhece:
– O valor da abertura de N;
– A força do jogo de S;
– Se W tem algum "ponto" na mão.

Em conclusão diremos que E, ao anunciar 2 ♥, **apenas** está a contar com a força e características do **seu** jogo e nada mais!

Já ao ver-se na situação de ter que reabrir ou não o leilão, o jogador dispõe de muita mais e melhor informação sobre o que se passa à mesa, quer no que se refere à força dos adversários, quer no que se infere sobre a força do jogo do seu parceiro.

Se não vejamos:

N	E	S	W
1 ♣	Passo	Passo	?

W sabe que:
– N tem, no máximo, 23 PH, sendo esta força de mão uma posição extrema, tal como 12 PH o será também, mas no extremo inferior;
– S não tem mais que 5 PH, pois que se tivesse, esses ou mais pontos, **obrigatoriamente** deveria responder a abertura do parceiro;
– E terá **um mínimo** de x PH, que poderá encontrar entrando em linha de conta com os elementos anteriores, relativos a N e a S, e com a força da sua própria mão.

Tantas são as inferências que os leilões colocam à nossa disposição que o grande campeão, analista, escritor e comentarista que é MIKE LAWRENCE diz "não ser preciso ver as cartas para saber que se deve reabrir um leilão" e que em leilões do tipo:

N	E	S	W
	1 ♦	Passo	2 ♦
Passo	Passo	?	

"Ao jogador sentado em S não restarão dúvidas, mesmo sem ter visto o jogo, que irá entrar no leilão. Deverá tomar conhecimento das cartas que tem na sua mão, apenas para saber como!"

É óbvio que a ideia-força contida na afirmação anterior tem a intenção de alertar os jogadores para os seguintes factos:

– Na linha E/W não deverão existir muitos mais PH que na linha N/S. Poderá até acontecer que existam cerca de 17 PH em E/W e 23 PH em N/S;

– Se E/W se "acomodou" no contrato de 2 ♦ é porque o mesmo lhe convinha e não outro ou a outro nível. Se o contrato de 2 ♦ convém a E/W é óbvio que não pode convir a N/S;

– Se E/W está fitado a ♦, diz-nos a prática, então N/S terá um "fit" a ♥, ♠ ou ♣, o que é preciso é descobri-lo.

Por todas estas razões conclui-se que S deverá ter que reabrir o leilão, sobretudo se estiver em competição, a menos que o teor do seu jogo seja de tal forma limitativo em força e desinteressante em distribuição, que a isso não aconselhe.

Penso ter ficado demonstrado como são diferentes as vozes de INTERVENÇÃO das de REABERTURA.

Deixaremos para o próximo artigo a definição das características das mãos, em força e em distribuição, que aconselharão a escolha de cada uma das possíveis REABERTURAS.

Até ao próximo número
Luís Galvão

(Continuação da pág. 1)

relacione com as comemorações populares.

A verdade é que, desde 1976, a hierarquia castrense tratou de se distanciar do 25 de Abril e dos militares seus promotores, anatematizando mesmo tudo quanto, dentro dos muros dos estabelecimentos e unidades militares, pudesse trazer à memória a data libertadora. O 25 de Abril que nascera nos quartéis, fora dos quartéis banido.

Esta psicose persecutória atingiu o auge da sua ascensão quando a hierarquia do Exército, perante a passiva complacência do poder político, decidiu desalojar a A25A das instalações que lhe tinham sido disponibilizadas pelos seus antecessores no Forte do Bom Sucesso, num gesto com o qual pretendia lavrar a certidão de óbito à associação que reunia os "militares de Abril". O cinismo desta decisão ressalta dos motivos invocados, que recaiam na necessidade vital das instalações para uma unidade militar, quando afinal já se entrara num período de esvaziamento dos efectivos do Exército e da progressiva alienação de instalações que têm sido transferidas para os mais diversos fins.

Esta alienação, pensa-se, virá mesmo a atingir as instalações do Quartel da Pontinha o que, a concretizar-se, inviabilizará a repetição das comemorações naquele espaço e naquele ambiente. Se assim acontecer, se na voragem mercantilista de todo o património, vier também a ser engolido o edifício onde funcionou o Posto de Comando do MFA, será uma parte da memória e da cultura do 25 de Abril que desaparecerá.

O significado do jantar comemorativo do XXIII Aniversário não se reduz ao facto de ele se ter verificado dentro das instalações de um quartel e à disponibilidade para tal manifestada pelo Comando do Exército. Há um significado humano que foi, de tudo, o que mais sensibilizou as muitas centenas de convivas, particularmente aqueles que, por não serem militares, menos familiarizados estão com a vida castrense e que não regatearam elogios à maneira como foram recebidos.

Apesar de a noite ter estado, climatericamente, implacável, com chuva permanente, o escasso pessoal militar da unidade – os efectivos escasseiam – comando, oficiais, sargentos, praças, foram inexcedíveis na dignidade e afectividade com que receberam os convivas. Orgulhosos em mostrarem o seu quartel impecavelmente tratado, montaram um funcional e eficiente sistema de recepção e encaminhamento dos visitantes, proporcionaram o conhecimento das instalações que foram franqueadas, receberam com fidalguia.

O chefe do estado-Maior do Exército, aliás recem-empossado, dando continuidade às facilidades proporcionadas pelo seu antecessor, vincou esta atitude do Exército, fazendo questão de estar presente no quartel, por saber que um dos convivas seria o marechal Costa Gomes, que quis receber pessoalmente.

São gestos que gratificam quem os recebe e enobrecem quem os pratica. Os militares da Pontinha deram, para a valorização da imagem do Exército junto dos seus concidadãos, um contributo que se enquadra bem naquele que, 23 anos antes, haviam dado os seus camaradas que dali anunciaram a liberdade.

Foi uma jornada de identificação das Forças Armadas com a sociedade que, receamos, dificilmente se possa repetir no futuro, face à evolução que se quer imprimir à instituição e ao espírito militar.

Até por isso estes factos merecem ser destacados.

PEDRO PEZARAT CORREIA